

REVOLUÇÃO 3 PERMANENTE

UM VITORIOSO 2º CONGRESSO MUNDIAL DA LIS



REVOLUÇÃO PERMANENTE

Diretor: Alejandro Bodart

Comitê Editorial: Imran Kamyana - Ezra Otieno
Oleg Vernyk - Sergio García - Douglas Diniz
Rubén Tzanoff - Verónica O'Kelly - Joaquín Araneda

Edição: Pablo Vasco - Martín Carcione
Desenho e Diagramação: Tamara Migelson
Tradução e Revisão: Alessandro Fernandes – Vera Coimbra

Onde estamos:

www.lis-isl.org

Mail: ligainternacionalsocialista@gmail.com

 Liga Internacional Socialista

 @ligainternacionalsocialista

 Liga Internacional Socialista @isl_lis

 Liga Internacional Socialista (LIS)

Os artigos escritos e as reportagens não expressam necessariamente as posições da LIS e sim de seus autores.



3 Uma construção revolucionária em crescimento

7 Contribuição ao debate sobre a situação mundial: a caminho de mais crises, guerras e revoluções

19 Aspectos-chave de análise e política marxista sobre a agressão imperialista da Rússia contra a Ucrânia e sobre a política imperialista da OTAN

21 Resolução sobre ativistas operários bielorrusos presos

24 A economia mundial sob o signo da incerteza e da fragilidade

27 Resolução sobre o movimento socioambiental: política e orientação

29 Resolução sobre a atualidade das lutas de gênero e a política revolucionária

33 Importante participação africana no 2º Congresso da LIS

34 Resolução sobre África

35 O novo governo israelense, um choque para toda a região. Mais do que nunca, defendamos a causa da Palestina

39 Resolução sobre Nicaragua

40 Resolução sobre Venezuela

41 Vida do movimento
• Brasil: unificação revolucionária
• Colômbia: Impulso Socialista e Grupo de Trabalhadores Socialistas rumo à unificação



la montaña
EDICIONES SOCIALISTAS

Perú 439 1º
Buenos Aires



Uma construção revolucionária **EM** **CRESCIMENTO**

ESCREVE: PABLO VASCO



Entre os dias 10 e 14 de março foi realizado em Barcelona o 2º Congresso da Liga Internacional Socialista, a LIS. Entre delegados e convidados, participaram companheiros e companheiras de partidos e agrupamentos revolucionários de todos os continentes. O evento foi um sucesso absoluto com importantes debates políticos, aprovando resoluções e campanhas, traçando novos desafios e firmando os avanços de um modelo diferente de construção revolucionária.

A sede do 2º Congresso da LIS ocorreu no mesmo local onde foi fundado a Internacional: um albergue da juventude do Estado catalão. Por sua vez, o I Congresso de nossa Liga foi realizado em Buenos Aires, no final de 2021. Dois meses depois, ainda em fevereiro de 2022, ocorreu um evento de impacto global: a invasão russa na Ucrânia e a consequente eclosão da guerra que abriu fortes debates na esquerda. Esse acontecimento, somado a outras mudanças políticas no mundo e ao crescimento da própria LIS, justificou a convocação deste 2º Congresso.

O Congresso contou com a colaboração organizativa da militância do SOL, seção da LIS no Estado espanhol. Dias antes do início, diferentes representantes chegaram a Barcelona de seus países, na qualidade de delegado(a)s ou observador(a)s convidado(a)s, embora as

restrições políticas se fizeram sentir: enquanto os camaradas ucranianos e russos não puderam deixar seu país devido às condições da guerra, alguns delegados do Líbano, Quênia e Paquistão tiveram seus vistos de entrada negados pelo governo espanhol, forçando a participação virtual no Congresso.

CINCO CONTINENTES, DIFERENTES CORRENTES

Não é sempre que um evento da esquerda revolucionária expressa um nível de representação internacional como neste Congresso da LIS. Ainda que num mundo globalizado circulem abundantes informações sobre todos os países e suas correntes políticas, nada substitui a troca direta sobre as experiências nas lutas sociais e as construções partidárias. Para citar apenas um exemplo do Congresso, um trabalhador ucraniano, sindicalista e membro da Liga Socialista Ucraniana, e hoje combatente na guerra, é ativo contra a invasão russa e o papel da OTAN e, natural do Tajiquistão, também contribuiu para o debate sobre a situação na Ásia Central.

Do Norte imperialista ao Cone Sul da América, do Velho Continente ao Leste Europeu, da África negra e árabe à Oceania, passando pelo Oriente Médio e Ásia, o Congresso ex-



pressou um leque de organizações revolucionárias de 25 países e dos cinco continentes. Assim, o Congresso aconteceu em espanhol, inglês, ucraniano, árabe e português, enquanto os grupos também foram ouvidos em francês, suaili, bielorrusso, russo e catalão.

Entre os convidados, havia dirigentes de organizações da EEU, França, Austrália, México, Tanzânia e um camarada catalão, coordenador sindical da rede europeia de solidariedade à

Ucrânia. Com visíveis diferenças entre regiões e países, essa amplitude enriqueceu qualitativamente os trabalhos do Congresso, resultando em um projeto construtivo inovador que diferencia a LIS de outros espaços internacionais.

LIS, UM MODELO DIFERENTE DE CONSTRUÇÃO

Para construir uma organização revolucionária internacional e forte, os sucessos políticos, diferenciando-se do sectarismo e do oportunismo, são uma condição necessária, mas ainda não suficiente: devem ser acompanhados de uma metodologia democrática e de respeito mútuo que permita unir forças e não dividir. Com essa convicção, a LIS vem reagrupando uma diversidade de correntes revolucionárias: no trotskismo, formado por organizações que vêm de diferentes correntes; na militância do Leste Europeu que vem do sindicalismo independente; nos casos do Líbano e Quênia, de rupturas à esquerda da juventude comunista.

A experiência do trotskismo pós-guerra demonstra que as correntes construídas em torno do pensamento único enfrentam limitações intransponíveis. Nenhum setor dirigiu revoluções ou construiu partidos revolucionários



com influência de massas para ter sua “receita” como infalível. Por outro lado, com as bases programáticas e principistas, a diversidade de origens e geográfica na LIS é debatida e executada pelo método do centralismo democrático onde as divergências resultam na intervenção coletiva, com o objetivo de reunir o melhor de cada tradição para construir uma nova síntese.

Outra particularidade positiva deste 2º Congresso da LIS, na contramão da tendência de divisões que infelizmente ocorre na esquerda trotskista mundial, são os processos de fusão entre organizações revolucionárias: uma já concretizada no Brasil, entre os agrupamentos Luta Socialista e Alternativa Socialista, conformando a Revolução Socialista, a outra próxima de acontecer na Colômbia entre o Impulso Socialista e o Grupo de Trabalhadores Socialistas.

UMA AGENDA INTENSA

Após as boas-vindas e a abertura, a presidência do Congresso foi constituída com os camaradas Alejandro Bodart, do MST da Argentina e Imran Kamyana do The Struggle (A Luta) do Paquistão, coordenadores da LIS; Ezra Otieno, dirigente da LSR queniana, e Chaia Ahmed Baba, representante da juventude saharauí. Nos dois primeiros dias, o debate girou em torno de três pontos principais: a situação política internacional, a crise econômica mundial - incluindo o caráter e o papel global da China -, a guerra na Ucrânia e a situação na Rússia, Bielorrússia e Leste Europeu em geral.

Com o debate, ficou nítido a concordância nos traços marcantes do período atual: a crise sistêmica capitalista; a polarização social e política global, com o desenvolvimento desigual entre dois polos; o acirramento da disputa interimperialista e as novas rebeliões, crises políticas e conflitos bélicos regionais, sendo o levante dos trabalhadores e do povo o fator mais dinâmico. Ao mesmo tempo, a conjunção desses elementos estimula mudanças políticas na consciência, especialmente entre a juventude trabalhadora e a vanguarda estudantil que, por ser mais aberta às ideias revolucionárias, oferece melhores oportunidades para nossa construção.

Em seguida, o Congresso analisou a crise econômica capitalista, tendo como motor a

Organizações participantes:

ÁFRICA

- Quênia (Liga Socialista Revolucionária)
- Saara Ocidental (LIS)
- Tanzânia (Opinião Africana, convidada)

AMÉRICA

- Argentina (MST na FIT-U e FTS, convidado)
- Brasil (Revolução Socialista)
- Chile (Movimento Anticapitalista)
- Colômbia (Impulso Socialista e Grupo de Trabalhadores Socialistas)
- Costa Rica (Partido Revolucionário dos Trabalhadores)
- El Salvador (LIS)
- Estados Unidos (LIS e Coletivo Tempest, convidado)
- Nicarágua (Alternativa Anticapitalista)
- México (Grupo de Trabalhadores Socialistas, convidado)
- Paraguai (Alternativa Socialista)
- Peru (Alternativa Socialista, Movimento Anticapitalista e convidados)
- Uruguai (Rumbo Socialista)
- Venezuela (Marea Socialista)

ÁSIA E ORIENTE MÉDIO

- Líbano (MJC)
- Paquistão (A Luta)
- Turquia (LIS no Partido dos Trabalhadores Turco)

EUROPA

- Bielorrússia (SMOT e dirigentes dos Sindicatos Independentes)
- Estado Espanhol (Socialismo e Liberdade)
- França (LIS e NPA-L'Étincelle, convidado)
- Grã-Bretanha (LIS)
- Ucrânia (Liga Socialista Ucraniana)

OCEANIA

- Austrália (Alternativa Socialista, convidado)

queda da taxa de lucro e a possibilidade de estagnação, podendo aprofundar a luta de classes. A política sobre a guerra na Ucrânia também foi reforçada, um fato que abriu fortes debates em toda a esquerda mundial: a LIS combina apoio à resistência ucraniana com críticas ao governo capitalista de Zelensky, a exigência pela retirada das tropas russas e a denúncia do papel imperialista da OTAN.

Nos dias 12 e 13 o Congresso abordou a situação atual em outros continentes:

- A Europa Ocidental, com as poderosas greves e mobilizações na França e na Grã-Bretanha, potências imperialistas onde o movimento operário tem grande peso social e a possibilidade de sua dinâmica ascendente se espalhar a outros países.
- Os Estados Unidos, onde ressurgem as reivindicações salariais, e a América Latina, com a rebelião popular no Peru, os governos autoritários da América Central, os novos governos “perfumados” de Lula e Petro, e os desafios de um ano eleitoral na Argentina.
- A África, com a sua pobreza e dependência neocolonial, os governos burgueses a serviço dos poderosos, a luta do povo saharauí contra a opressão marroquina e as oportunidades para ampliar a presença da LIS.
- O Oriente Médio, com a ofensiva ultrassionista e o início da terceira Intifada palestina, a rebelião iraniana, a crise libanesa, as greves dos trabalhadores no Egito e as eleições turcas num crescente descontentamento anti-governamental após o terremoto.
- A Ásia, com situações de grande desigualdade social e governos reacionários ou ditatoriais em países como Paquistão, Índia e Afeganistão, além das nacionalidades oprimidas como as da Caxemira e do Baluchistão.
- O último dia ficou com o ponto socioambiental, problema de importância crescente que a LIS e suas seções nacionais nos países assumem como parte da militância anticapitalista e socialista, especialmente entre a ju-

ventude. Ao longo do dia, houve importantes informes e intervenções de protagonistas diretos nos acontecimentos, assim como interessantes contribuições de companheiros e companheiras dos países.

RESOLUÇÕES E TAREFAS PARA AVANÇAR

Para coroar com sucesso o Congresso, na tarde de terça-feira, dia 14, foram votados os documentos políticos apresentados, aprofundados com os detalhes e acréscimos frutos do debate, além das diversas resoluções específicas sobre eventos e campanhas internacionais. Foram aprovadas as políticas sobre a situação mundial, a economia, a guerra na Ucrânia, meio ambiente, gênero, América Latina, Europa, África, Palestina, Nicarágua, Bielorrússia e Venezuela.

Após o relatório de balanço e orientação, foi eleito um novo Comitê Executivo Internacional com uma composição que reflete o crescimento da organização e também uma comissão de gênero. Além disso, resolveu-se pela periodicidade trimestral de nossa revista internacional, *Revolução Permanente*, e organizar a convocatória para três interessantes eventos virtuais com os temas: economia e a China; a questão socioambiental; Cuba, Venezuela e Nicarágua.

Com a alegria e a certeza política de ter concretizado um passo firme, o 2º Congresso da LIS encerrou como é característico de uma organização socialista revolucionária e internacionalista: punho erguido, cantando as estrofes de *A Internacional*. 🇺🇸





CONTRIBUIÇÃO AO DEBATE SOBRE A SITUAÇÃO MUNDIAL:

A caminho de mais crises, guerras e REVOLUÇÕES

Este documento de análise sobre a situação mundial e a política que nós revolucionários devemos desenvolver, elaborado por nosso camarada Alejandro Bodart, foi debatido, enriquecido e aprovado por unanimidade no 2º Congresso Mundial da LIS.

A ordem mundial que emergiu da coexistência pacífica entre o imperialismo e a burocracia estalinista entrou em colapso há mais de 30 anos. O imperialismo estadunidense, um aparente vencedor dessa “guerra fria”, acreditava que rapidamente conseguiria construir uma nova ordem com uma hegemonia absoluta. Mas a realidade acabou se tornando muito mais complexa. Sem seu sócio contrarrevolucionário, em poucos anos, a globalização e o neoliberalismo, que haviam conseguido impor, começaram a rachar e o caos começou a instalar-se.

Estamos testemunhando um mundo em ebulição. Um mundo cada vez mais polarizado, rumo à mais e piores crises, guerras e dis-

putas entre velhas potências decadentes e novas se preparando para lutar por seu lugar; lutas, rebeliões e revoluções em mais e mais partes do mundo.

Os de cima não podem mais governar como antes, mas os de baixo estão lutando com seus braços amarrados, por não terem direção para acompanhar os acontecimentos. Isto impediu uma definição conclusiva entre as duas classes sociais que lutam pelo poder há mais de um século, uma, conscientemente e a outra, inconscientemente, sem uma direção que a levasse à vitória.

Hoje, mais do que nunca, a alternativa para a humanidade é o socialismo ou a barbárie. Este material, como toda nossa atividade, está a serviço de continuar a avançar na construção da única ferramenta que pode proporcionar para nossa classe, a classe trabalhadora, a consciência necessária para enfrentar a luta final por uma outra sociedade, onde possamos viver em harmonia entre as pessoas e a natureza: um partido e uma internacional socialista revolucionária.

I. O CAPITALISMO EM SUA CRISE MAIS PROFUNDA

O capitalismo está passando pela pior crise de sua história, uma crise sistêmica, maior do que todas as crises anteriores. Crises econômicas, políticas, ecológicas, sanitárias, ideológicas e de hegemonia global, combinam-se e alimentam uma crise civilizacional, sem saída possível nas margens do sistema.

A crise econômica global iniciada em 2008 é a maior desde a Grande Depressão dos anos 1930. A economia mundial ainda não havia conseguido se recuperar dela, quando a pandemia da Covid-19 paralisou e aprofundou sua crise, dando outro salto com a guerra na Ucrânia. Não há recuperação à vista; o FMI, a OMC e a OCDE preveem uma nova recessão global, ou algo muito próximo, provavelmente em 2023. Como a raiz da crise está na tendência de queda da taxa de lucro, o capitalismo não tem saída, a não ser, aumentar a exploração.



A pressão para tentar restaurar a rentabilidade leva os governos tradicionais, de extrema direita e reformistas a implementar ajustes contra os trabalhadores, precipitando rebeliões, revoluções e crises políticas de regimes em todas as regiões do mundo. A incapacidade dos governos capitalistas, de todas as cores, de resolver os problemas das massas, leva a uma polarização crescente e rebeliões recorrentes, que impedem os regimes de construir qualquer estabilidade, continuando a crise política. Tudo isso é alimentado pela crise ideológica que vem crescendo desde que o Consenso de Washington entrou em colapso com a crise de 2008. O capitalismo é cada vez mais questionado em escala de massa. O fato de que a crise de 2008

teve seu epicentro nos EUA, juntamente com o enfraquecimento militar e geopolítico, desde sua derrota no Iraque e no Afeganistão, somado ao crescimento econômico e geopolítico da China, geram uma crise de hegemonia global. Esta, se aprofunda com uma crescente disputa interimperialista por lucros que se reduzem, intensificando os atritos interimperialistas, trazendo novamente à tona a possibilidade de uma guerra mundial nuclear. O desespero para recuperar a rentabilidade também continua a aprofundar a catastrófica crise ecológica. Apesar dos relatórios anuais das próprias Conferências da ONU sobre Mudança Climática, que apresentam um quadro cada vez mais alarmante da probabilidade de cruzar um ponto sem retorno no aquecimento global, que ameaça a sobrevivência da espécie humana; apesar dos desastres ecológicos que se multiplicam ao redor do mundo, com incêndios, secas, inundações e outros eventos climáticos extremos; o capitalismo sustenta métodos de produção poluentes, destrutivos e emissores de gases de efeito estufa, muito além de qualquer plano que possa reverter a dinâmica destrutiva e é incapaz de fazer outra coisa.

A pandemia da Covid19 acrescentou outra dimensão à crise sistêmica do capitalismo. Por um lado, revelou que seu modo produtivo gera epidemias e pandemias letais. Por outro, demonstrou, com incontáveis milhões de mortes, a absoluta incapacidade do capitalismo em lidar com estas pandemias. A crise sanitária não terminou, apesar do relativo controle da Covid19, cujas causas ainda estão intactas. Trata-se de um aspecto permanente da crise do sistema capitalista.

Cada dimensão da atual crise sistêmica mostra, sem dúvida, o esgotamento do capitalismo, incapaz de desenvolver as forças produtivas ou, de impulsionar qualquer progresso para a humanidade. Ao contrário, perpetua uma destruição sem precedentes, tanto da natureza quanto da humanidade, as duas principais fontes de riqueza, conduzindo a destruição do meio ambiente, ao ponto de pôr em perigo sua capacidade de sustentar a vida humana; o faz, gerando pandemias que não consegue controlar; aprofundando sua disputa pelo lucro que levanta novamente a possibilidade de guerras mundiais e holocausto nuclear, nos conduzindo ao precipício da barbárie e da extinção. Ao mesmo tempo, é incapaz de parar ou reverter esta dinâmica destrutiva, incapaz de agir contra a necessidade imperativa de recuperar a rentabilidade acima de tudo.

Aqueles que previram que, com a queda da URSS, o capitalismo atingiria uma nova etapa de expansão e desenvolvimento, foram desmentidos pela dura realidade. O capitalismo não tem nada além de miséria e destruição para oferecer à humanidade. Todo reformismo é utópico, todo possibilismo é uma ilusão.

Todo projeto que propôs radicalizar a democracia, frear o neoliberalismo, redistribuir a riqueza ou, de qualquer forma, melhorar as condições para as massas sem destruir o capitalismo, terminou com um amargo fracasso. Todos os governos autodenominados progressistas ou nacionalistas acabaram aplicando as mesmas receitas de ajustes que os governos neoliberais. Grandes projetos de esquerda como SYRIZA ou PODEMOS, ou figuras radicais como Boric e Pedro Castillo, também se tornaram administradores dos ajustes quando chegaram ao governo.

Não só é impossível implementar grandes mudanças a favor das maiorias no capitalismo, como nem mesmo as medidas mais moderadas são toleradas por um sistema que está se afundando com exploração, ajustes e repressão. Não há espaço para qualquer orientação Keynesiana, como alguns analisaram durante a pandemia, ou para concessões reformistas. Pela mesma razão, os projetos de direita e da extrema direita que chegam ao poder também fracassam e caem. Porque, da mesma forma, não estão à altura das expectativas de mudança e de soluções que prometem.

Hoje, nenhuma solução parcial ou fundamental para os problemas enfrentados pelas maiorias é possível sem derrotar a classe burguesa e seus Estados. O capitalismo deve ser destruído e o poder deve ser tomado para construir uma sociedade socialista onde as massas trabalhadoras determinem democraticamente seu destino.

II. CRESCE O CONFLITO ENTRE AS POTÊNCIAS IMPERIALISTAS

O relativo enfraquecimento da principal potência mundial, os EUA, o crescimento da China como potência econômica e militar, a intensificação da disputa global por mais-valia, desde a crise de 2008, têm aprofundado uma dinâmica de crescente atrito e conflitos interimperialista.

A queda da URSS significou para o imperialismo estadunidense a possibilidade de se tornar a única superpotência mundial. Entretanto, também o deixou sozinho na posição de absorver os

efeitos da luta de classes mundial, o que levou a um rápido desgaste. O impasse das forças norte-americanas no Iraque e no Afeganistão desde os anos 2000 e sua derrota, o enfraqueceu consideravelmente em escala global. As potências subimperialistas ganharam maior espaço para operar regionalmente, enquanto a China começou a emergir como um concorrente global.

Os EUA permaneceram e claramente continuam sendo a principal potência imperialista do mundo. Mas a ânsia de outros países em ocupar os espaços criados por seu relativo enfraquecimento, combinada à determinação dos EUA em preservar e recuperar sua hegemonia, estão provocando um crescente atrito interimperialista.

A guerra na Ucrânia é o exemplo mais recente e agudo desta dinâmica. A Rússia, principal potência na região do Leste Europeu, procura recuperar o terreno perdido após a dissolução da URSS, enquanto os EUA e a OTAN procuram manter o terreno ganho e expandir sua própria esfera de influência. Esta tensão gerou uma situação particular na região após a decisão de Putin de invadir a Ucrânia que, por sua vez, provocou resistência por parte do povo ucraniano. A OTAN fornece assistência militar ao governo de Zelensky, mas evita o envolvimento direto. Tanto o perigo da situação, que ameaça escalar em um grande conflito entre potências nucleares, como a determinação da Rússia e da OTAN em evitar cruzar certas linhas vermelhas que escalariam o conflito de uma forma que, pelo menos por enquanto não seria de seu interesse, são evidentes.

Em escala global, o conflito mais importante é entre os EUA e a China. O gigante asiático já está competindo economicamente com os EUA. A China há muito ultrapassou os EUA como o principal parceiro comercial da União Europeia, África e América do Sul. Nos últimos anos, disputa a liderança nos setores de produção mais avançados tecnologicamente, o que levou à chamada “guerra comercial” entre os dois países.

A China também está buscando uma estratégia para se desenvolver como potência global. O projeto da Nova Rota da Seda envolve investimentos colossais de infraestrutura em dezenas de países; acordos de livre comércio; empréstimos de milhões de dólares com acordos que cede portos e outros setores de soberania à China e o estabelecimento das primeiras bases militares chinesas no exterior.

Por outro lado, os EUA não querem ceder

nenhuma posição e, desde a posse de Biden, são agressivos em tentar se restabelecer como potência hegemônica global após o período de relativa confusão durante a presidência de Trump.

Na linha de frente dos planos de expansão da China, está a retomada de Taiwan e o estabelecimento de seu controle sobre o Mar do Sul da China. Tudo isso intensifica o atrito da China com os EUA e seus aliados. A recente visita da Presidente da Câmara dos EUA Nancy Pelosi em Taiwan é indicativo da agressão dos EUA. Entretanto, a relutância dos EUA em tomar medidas eficazes contra o avanço chinês e a recusa da China em apoiar abertamente a Rússia em sua invasão da Ucrânia são sinais de que, por enquanto, não é do interesse de nenhum dos lados escalar o conflito direto.

Alguns setores da esquerda ignoram ou minimizam a intensificação do atrito global imperialista, deixando-os mal-armados para responder aos conflitos. Outros o exageram, como se já estivéssemos no início de uma Terceira Guerra Mundial ou enfrentando a iminência irreversível de um, geralmente a serviço de uma orientação campista, considerando um lado imperialista menos mau que o outro. Ou ainda, levantando equivocadamente o derrotismo em conflitos regionais, como a invasão russa à Ucrânia, que acaba beneficiando o imperialismo russo.

A realidade é que uma guerra mundial iminente ou de curto prazo não é o cenário mais provável para agora. O que existe é uma intensificação crescente das tensões entre os campos imperialistas. Nenhuma das potências ainda se vê em condições de enfrentar um conflito global. Nem os blocos e alianças existentes estão com base firme, como demonstrou a guerra na Ucrânia. As contradições entre os EUA e a União Europeia, que tem suas próprias relações comerciais e políticas tanto com a Rússia quanto com a China, mostram que os aliados da OTAN não têm todos os mesmos interesses. Mesmo na Europa, como Brexit deixou claro, existem interesses conflitantes. Da mesma forma, a China, que vem aprofundando sua cooperação com a Rússia, vem tomando uma distância relativa desde a invasão da Ucrânia.

Embora nenhum dos dois seja a favor de uma escalada global hoje, a verdadeira disputa por mais-valia em meio à crise significa que a dinâmica é de um conflito crescente. Embora a perspectiva imediata não pareça ser de um confronto mi-

litar aberto entre as distintas potências mundiais, não podemos descartar que a dinâmica vá nessa direção no futuro. E devemos esperar que a instabilidade geral predomine e que mais guerras e conflitos locais ou regionais ocorram. Precisamos fazer análises e caracterizações mais profundas sobre a situação atual da disputa interimperialista, a fim de desenvolver a política e orientação mais apropriadas para intervir e nos construir na atual conjuntura.

III. UM ANO DA GUERRA NA UCRÂNIA

As vítimas causadas pela invasão do exército russo chegam a milhões de desabrigados. A destruição da infraestrutura do país soma bilhões de dólares e a perda de empregos ultrapassa 5 milhões. Ao nível internacional, aprofundou a crise econômica e social, provocando o aumento dos preços dos alimentos e dos combustíveis, bem como desencadeou um crescimento da corrida armamentista nos países imperialistas, não visto há décadas, reintroduzindo a incerteza sobre um eventual desenlace nuclear com consequências imprevisíveis se as constantes ameaças de Putin a este respeito fossem levadas a cabo no futuro.

A integridade territorial da Rússia não era ameaçada quando Putin decidiu invadir a Ucrânia. A Rússia invadiu para subjugar a Ucrânia e acrescentá-la de volta à sua esfera de influência regional. Acreditou que alcançaria seus objetivos em poucos dias e que isso o fortaleceria não apenas regionalmente, mas também em seu relacionamento como um parceiro estratégico do nascente imperialismo chinês. Mas não contava com a resistência feroz e heroica do povo ucraniano. Putin não conseguiu chegar em Kiev, derubar Zelensky e criar um governo fantoche. Está atolado há um ano e até agora, não conseguiu obter o controle total de nenhuma região. Sofreu a perda de dezenas de milhares de homens e uma quantidade significativa de armas, obrigando-o a recrutar centenas de milhares de novos combatentes, envolver Bielorrússia no conflito e receber ajuda material do Irã.

Antes da invasão, a OTAN estava enfraquecida e o papel dos EUA como imperialismo hegemônico estava em dúvida. Hoje, sem superar a crise, a OTAN e os EUA são mais fortes. Putin lhes deu a desculpa para se rearmarem, somar países à aliança e recuperar parte da autoridade política que os EUA haviam perdido entre seus aliados.

Para ter uma política correta, é necessário compreender os dois processos em ação neste conflito: a justa defesa do povo ucraniano de sua soberania e integridade territorial e a crescente disputa interimperialista que existia antes e escalou perigosamente desde o início da invasão.

Grande parte da esquerda fracassou no teste deste conflito e acabou se alinhando com o imperialismo russo. A esquerda campista tradicional, acompanhada por várias correntes identificadas com o trotskismo que, com vários argumentos e concentrando-se exclusivamente na denúncia da OTAN, recusou-se a apoiar a resistência ucraniana e seu direito à autodeterminação, colocando-se assim na trincheira de Putin.

Nesse mais de um ano em que a guerra na Ucrânia vem ocorrendo, não houve nenhum confronto militar aberto entre a OTAN e a Rússia. É por isso que é completamente errado usar a palavra de ordem do derrotismo revolucionário levantado por vários setores, sendo funcional para Putin. O que existe até agora é uma guerra em território ucraniano provocada pelas aspirações imperialistas da Rússia contra um país semicolonial. Os EUA estão aproveitando esta situação para se fortalecer na Ucrânia, no Leste Europeu e internacionalmente. Até agora, nenhuma das vertentes do imperialismo parece estar pronta para cruzar certos limites e fazer o conflito evoluir para um confronto mundial. É por isso que os EUA e a Europa estão cortando a ajuda militar e não estão colocando os pés na Ucrânia, a Rússia não está avançando sobre os Estados membros da OTAN e a China, por sua vez, não se envolveu diretamente na guerra além de algumas declarações. Estão todos brincando com o fogo e colocando a humanidade à beira de um holocausto.

A respeito da ajuda econômica e militar dos EUA e da Europa ao governo Zelensky, é importante ser o mais objetivo possível. Começou tarde, quando ficou claro que a resistência do povo trabalhador ucraniano impediu qualquer negociação apressada. Foi importante para sustentar a defesa das posições do exército ucraniano, enquanto permitia ao imperialismo ocidental limpar cinicamente seu rosto como um “defensor das causas justas”. Mas em nenhum momento serviu para definir a guerra a favor da Ucrânia. Nunca enviaram armamentos de última geração, de longo alcance, e nunca o farão.

Nós da LIS nunca nos unimos ao apelo de ar-

mas ao imperialismo ocidental e nos opomos à corrida armamentista desencadeada no mundo, mas também não apoiamos as ações de boicote ao carregamento de armas para a Ucrânia promovidas pelos amigos de Putin.

Desde o início apoiamos o direito do povo ucraniano de se defender contra a invasão de seu território com todos os meios à sua disposição. Exigimos a retirada incondicional do exército russo, a dissolução da OTAN e a retirada do imperialismo ocidental de todo o Leste Europeu. Levantamos uma política independente de Zelensky e advertimos contra as intenções colonialistas da OTAN.

Defendemos a paz, mas sem as anexações da Rússia. Defendemos o direito à autodeterminação para aquelas regiões ucranianas que o solicitarem, desde que possa ser exercido livremente, sem a bota da oligarquia russa.



A abrangência desta política se baseia nos ensinamentos do leninismo, leva em conta a combinação das tarefas estabelecidas e serve para militá-la na classe trabalhadora e na juventude de todos os países, sejam eles imperialistas ou dependentes, em combate contra os burgueses e as forças do campismo.

Apoiar a resistência ucraniana significa defender a derrota da Rússia neste conflito. A fim de alimentar o moinho de vento de Putin, os campistas afirmam que uma vitória da Ucrânia fortaleceria os EUA e a OTAN. A pergunta que nós revolucionários devemos nos fazer é: o que mais fortaleceria nossa classe, a classe trabalhadora ucraniana, russa, bielorrussa e de toda a região? Não temos dúvidas: a derrota e expulsão do exército russo pela resistência ucraniana revigoraria

a classe trabalhadora, libertaria as forças e seria, muito possivelmente, o início de um processo revolucionário em toda a região. Na Ucrânia, um fim vitorioso da guerra provocaria os trabalhadores a enfrentarem com força renovada os ataques contra a classe trabalhadora que o governo Zelensky aproveitou na guerra para implementar. Na Rússia e na Bielorrússia, a possibilidade da derrubada revolucionária dos governos autoritários Putin e Lukashenko poderia se abrir, levando a uma cadeia de convulsões sociais e políticas. Enquanto uma vitória russa fortaleceria os regimes e governos repressivos que hoje esmagam qualquer expressão de resistência.

As possibilidades de avançar na construção de alternativas revolucionárias na Europa Oriental também estão intimamente ligadas à evolução da guerra. Devemos pressionar pela mais ampla unidade de ação possível contra a guerra e em apoio à resistência ucraniana, ao mesmo tempo em que nos diferenciamos fortemente da OTAN e do imperialismo ocidental.

Infelizmente, a orientação caudatária do campismo ao imperialismo russo e as confusões de seus aliados circunstanciais estão impedindo a formação de um movimento de massas por trás de uma política correta e isto joga a favor da continuação da guerra. Isto nos obriga a redobrar nossas iniciativas e desenvolver uma campanha permanente para alcançar a mais alta visibilidade possível de nossa política.

IV. POLARIZAÇÃO, CRISE DO REGIME E OPORTUNIDADES À ESQUERDA

Estamos testemunhando um mundo cada vez mais polarizado social e politicamente, sociedades divididas e em conflito. A crise tem prejudicado todos os regimes e os partidos tradicionais burgueses e conciliadores. Cada vez mais as massas percebem a ação direta e não os mecanismos das instituições estabelecidas como a possibilidade de resolver seus problemas. Estamos testemunhando um período de grandes convulsões sociais, greves, rebeliões e revoluções.

A enorme dimensão da crise que estamos atravessando e o fracasso dos governos nacionalistas, populistas e de centro-esquerda, que nos primeiros anos do novo século geraram grandes expectativas no movimento de massas, abriram as portas para o crescimento das forças conservadoras e de direita em praticamente todos os países. Os

meios de comunicação de massa desempenham um papel muito importante neste desenvolvimento.

Os direitistas no poder também não conseguiram estabilizar a situação econômica e a implementação do programa que haviam se proposto. Na maioria dos casos, falharam frente à resistência do povo trabalhador. Isto, em alguns casos, permitiu que velhas forças de centro-esquerda voltassem ao governo sem as mesmas antigas expectativas por parte do movimento de massas e, em outros casos, surgiram novas formações do mesmo tipo. Esta alternância de um novo bipartidarismo, não baseado em partidos burgueses sólidos ou socialdemocratas como no passado, mas sim em coalizões com pouca estrutura e controle social, é parte da etapa atual que estamos vivendo.

A crise da democracia, discutida em círculos cada vez mais amplos da intelectualidade ocidental, reflete a erosão dos regimes democrático-burgueses e dos partidos tradicionais após décadas de frustração e deterioração do padrão de vida das massas. Embora o imperialismo, dominante em geral, continue a apostar na democracia burguesa por ainda considerar a manobra mais eficaz para canalizar a mobilização das massas, a crescente descrença nos mecanismos institucionais força cada vez mais para a repressão e o autoritarismo.

A crise dos mecanismos de dominação está abrindo espaços cada vez mais amplos para disputar estratos de massas. A extrema direita está aproveitando para se posicionar entre os setores mais conservadores e retrógrados do movimento de massas. Os socialistas revolucionários devem empregar com ousadia todas as iniciativas, orientações e táticas à nossa disposição para começar a capitalizar o espaço que também existe para a extrema esquerda e que tenderá a crescer com o agravamento da crise. Para capitalizar sobre isso, além de estarmos na vanguarda das lutas, devemos levantar propostas de fundo, não apenas contra os governos, mas também contra os regimes, as direções traidoras e fazer propaganda para o sistema pelo qual lutamos, além da necessidade de reagrupar os revolucionários.

Não podemos perder de vista que há um grande número de novos Estados capitalistas agrupando bilhões de pessoas onde a democracia burguesa nunca foi institucionalizada. Em outros, foi abandonada há muito tempo. China, Rússia, Irã, Cuba, Venezuela, Nicarágua, Síria e dezenas

de países árabes e africanos têm regimes autoritários com pouco espaço para a concessão de liberdades democráticas e para a permanência no poder. É por isso que desencadearam uma repressão brutal quando o movimento de massas entra em revolta. Nos processos de mobilização que ocorrem em alguns desses países, devemos participar ativamente e não ceder ao campismo que sempre procura desacreditar as ações das massas e justificar a repressão “para não fazer o jogo do imperialismo”. Apoiar expressões genuínas de descontentamento com uma política que se diferencia tanto da direita como do imperialismo e de governos capitalistas autoritários disfarçados de esquerda é crucial para disputar a vanguarda e os setores das massas nestes lugares. Um exemplo de como devemos agir em relação a estes processos foi a bem-sucedida Campanha internacional e a Caravana pela liberdade dos presos políticos na Nicarágua que promovemos a partir da LIS e que nos permitiu demonstrar na prática que Ortega e seu regime nada têm a ver com a esquerda ou com o socialismo. Esta Campanha foi decisiva para conseguir a posterior libertação dos presos políticos. Outro exemplo é o desenvolvimento de nosso grupo na Ucrânia com base em uma posição correta diante da invasão e das diferentes vertentes imperialistas.

V. AVANÇOS E LIMITAÇÕES DA EXTREMA DIREITA

Como expressão política da polarização social global, em muitos países, não apenas as forças de direita, mas também de extrema direita estão crescendo. A profundidade da crise que o capitalismo está atravessando e o recuo dos tradicionais sistemas bipartidários permitem que apareçam como uma alternativa político-eleitoral aos setores médios, populares e até mesmo da classe trabalhadora. Em diversas variantes, esse discurso combina posições neoliberais, anti-imigrantes, anti-islâmicas e anti-muçulmanas, racistas, antidireitos de gênero, negacionistas de desastres ambientais, populistas e pela “liberdade”, os nativos do país e a juventude.

As derrotas de Trump e Bolsonaro enfraqueceram globalmente este setor, mas mostraram uma base social significativa e ligações com setores religiosos, judiciais e militares. É um fenômeno político não-transitório, que veio para ficar. Na Europa, estão em todos os parlamentos e governam em vários países como Itália, Hungria, Polônia e Eslovênia. Já sendo um Estado contrarrevolucionário, a

extrema direita sionista também venceu em Israel.

Em todos os continentes, o reformismo exagera o poder da direita e da extrema direita para tentar justificar sua estratégia de conciliação de classes sob a eterna desculpa do “mal menor”. Sua armadilha são pactos políticos e eleitorais e/ou apoio aos governos burgueses, que não devem ser confundidos com a unidade de ação necessária para promover a mobilização contra as forças neofascistas e mais extremistas.

A propaganda de que a única coisa que avança no mundo é a direita e o fascismo também é alimentada por setores céticos da esquerda marxista que, com esta visão desequilibrada da realidade, acabam caindo no oportunismo do que é “possível” ou então em um sectarismo testemunhal.

Os revolucionários devem questionar qualquer superestimação da extrema direita, sem cometer o



erro oposto de minimizá-la. Sua evolução deve ser acompanhada com muito cuidado, pois constitui um perigo presente e potencial.

Apesar de alguns elementos em comum, as forças de extrema direita atuais diferem do fascismo clássico e do nazismo, na medida em que até agora, atuam nos limites da institucionalidade democrático-burguês. Ainda não há setores importantes da burguesia imperialista que decidiram usar a extrema direita para ir contra a classe trabalhadora e o povo com métodos de guerra civil. Mas, em vários países, as ações violentas diretas estão crescendo, promovidas pelos discursos reacionários deste setor ou, organizadas diretamente por eles, por exemplo, contra os migrantes ou a esquerda radical.

Alguns governos de direita e, até mesmo de “centro-esquerda”, adotam um rumo autoritário para impor seus planos de ajuste e aumentar seus orçamentos repressivos e militares, algumas vezes,

até com traços ditatoriais. Consequentemente, haverá confrontos mais duros com o movimento de massas e, ao mesmo tempo, ao lado das exigências econômico-sociais, é necessário manter a defesa dos direitos, liberdades e garantias democráticas. Onde quer que a juventude se organize para enfrentar culturalmente os bandos neofascistas, nossa juventude deve participar.

VI. A REBELIÃO AVANÇA E AMPLIA; PONTOS FORTES E FRACOS DO ASCENSO; O PAPEL ESTRATÉGICO DA CLASSE TRABALHADORA.

Há vários anos testemunhamos um aumento constante na luta de classes ao nível internacional. Na atual conjuntura, o ponto mais alto está sendo disputado pelas massas empobrecidas no Peru e pela classe trabalhadora na França e no Reino Unido. Desde 2018 temos visto greves gerais, mobilizações de massas, semi-insurreições e rebeliões em um grande número de países. **Isto, e não o crescimento da direita, é o que há de mais dinâmico na situação mundial.**

2018 acompanhou a irrupção dos coletes amarelos na França, a rebelião dos jovens na Nicarágua, as lutas das mulheres começam a inundar as ruas e uma revolta no Sudão foi recebida em 2019, ano em que a ascensão deu um salto espetacular: o Chile e o Líbano se levantaram e as mobilizações se tornaram massivas em Hong Kong, Iraque, Equador, Haiti, Porto Rico, Bolívia, Colômbia, Honduras.

Em 2020, embora o início da pandemia tenha desacelerado parcialmente o ascenso, não impediu grandes mobilizações nos EUA após o assassinato de George Floyd, que reativou o movimento Black Lives Matter [Vidas Negras Importam] ao nível internacional. Na Bielorrússia, uma revolta contra a fraude eleitoral colocou o ditador Lukashenko no limite. Houve novas revoltas no Líbano e Iraque, greves gerais na Índia, Myanmar e protestos no Irã, Argélia, Bolívia e o Fora Bolsonaro tomou as ruas no Brasil.

Em 2021 a rebelião se espalhou pela Colômbia, houve grandes mobilizações em Cuba, Paraguai, Rússia. 2022 começou com uma revolta no Cazaquistão, a organização de uma resistência massiva do povo trabalhador ucraniano para enfrentar a invasão russa, greves nacionais no Equador e Panamá, uma semi-insurreição no Sri Lanka e terminou com greves na Europa e a revolução que ainda está ocorrendo no Peru.

Embora o epicentro da ascensão tenha sido a América Latina e Oriente Médio, houve processos e rebeliões em todas as latitudes, mostrando que estamos entrando em uma nova etapa mundial. A onda de greve no Reino Unido é muito importante, mostra uma mudança qualitativa após algumas décadas condicionada pela derrota de Margaret Thatcher à heroica luta dos mineiros e também, o processo de mobilização na França contra a reforma da previdência.

A contradição mais importante desta etapa continua sendo a ausência de direções revolucionárias com experiência suficiente no movimento operário para influenciar o resultado das lutas e das semi-insurreições ocorridas. Esta é a explicação sobre a maioria destes processos não terem triunfos categóricos, são desviadas pelos mecanismos da reação democrática ou derrotados pela repressão estatal.

Temos que parar e analisar as fraquezas do ascenso e discutir como combatê-las. Na maioria dos processos mais agudos, a classe trabalhadora não tem participado de maneira forte e organizada. As semi-insurreições que temos visto têm uma composição popular, onde os trabalhadores intervêm atomizados e não por suas organizações sindicais. Estas, em sua maioria, controladas por burocracias pró-burguesas e conciliatórias, trabalham para impedir que a classe trabalhadora se torne a protagonista. Até agora não assistimos a nenhum questionamento significativo das bases contra antigos dirigentes. Ao mesmo tempo, as greves e mobilizações gerais que são forçados a chamar, são usadas para descomprimir e não para aprofundar a luta. Como a classe operária não é a vanguarda, a necessidade emergencial de organizações democráticas e a coordenação dos diferentes setores em luta não é facilitada.

A rebelião que abala o Peru tem todas estas fraquezas. No entanto, vem ocorrendo há dois meses e não conseguiram impedi-la. As massas camponesas, os povos nativos, a juventude e o povo pobre estão liderando uma verdadeira revolução. Enquanto o governo ilegítimo de Dina Boluarte, junto ao Congresso corrupto, aprofundam a repressão. Setores da direita, da centro-esquerda e da burocracia da CGTP se unem na convocação de eleições antecipadas para desviar a rebelião para as urnas. A vara e a cenoura, ou seja, ameaças de punição e promessas de recompensas, são usadas para tentar manter um regime morto e um sistema desmoronado.

No Peru, a palavra de ordem de uma Assembleia Constituinte é muito sentida no movimento de massas, como foi na rebelião chilena. Mas temos que alertar o movimento de massas que, sem derrotar o governo e dismantelar a institucionalidade criada pelo fujimorismo, algo que só pode ser alcançado através do aprofundamento da mobilização, uma eleição constituinte pode se transformar em uma armadilha, como aconteceu no Chile. É por isso que esta palavra de ordem não pode ser o centro da política dos revolucionários. O central é a continuidade da mobilização, exigir que a central operária convoque uma greve geral até que o governo caia, chamando as organizações dos setores em luta para tomar o poder. Esta é a única forma de tomar as medidas mais urgentes a favor do povo e convocar uma assembleia constituinte livre e soberana para reorganizar o país a partir de uma nova estrutura.

Devemos tirar conclusões dos processos nos quais estamos participando para fazer análises precisas e objetivas, a única maneira de termos políticas corretas para intervir e para nos construirmos, ganhando os melhores lutadores para nossos métodos organizacionais e o nosso programa.

Hoje, os capitalistas não são suficientemente fortes para infligir derrotas históricas às lutas que se desenvolvem e, embora os problemas de direção de nossa classe e dos setores populares não lhes permitam resolver a crise capitalista a seu favor, a luta contra os ataques aos padrões de vida e o crescente autoritarismo continuará. É por isso que a perspectiva que vislumbramos é a de um aprofundamento do ascenso, com mais greves, mobilizações e rebeliões recorrentes.

Nosso desafio é aproveitar esta nova etapa em cada país para educar nossos quadros mais jovens, para nos estruturar social e politicamente na classe trabalhadora e nos setores mais dinâmicos do movimento de massas e para dar saltos em nossa construção, estando conscientes que estamos apenas no início de um processo que tenderá a se aprofundar e nos dará múltiplas oportunidades de avançar.

Somente se avançarmos na construção de organizações socialistas revolucionárias fortes nesta fase e conseguirmos dirigir setores de nossa classe, seremos capazes de nos transformar em um fator objetivo que enfrentará as fraquezas dos processos, ajudará o movimento operário a desempenhar o papel estratégico necessário e dispu-

tará o poder nas próximas rebeliões e revoluções. Só assim poderemos garantir que a situação pré-revolucionária não acabe regredindo, que evolua à revolucionária para mudarmos a história.

VII. O ECOSSOCIALISMO COMO UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A REVOLUÇÃO

A catástrofe socioambiental provocada pela matriz de produção, consumo e regime de propriedade privada monopolista do capitalismo é possivelmente um dos desafios mais imponentes de nosso tempo histórico: ativar uma verdadeira operação de resgate para nossa civilização, arrancando do capital e da burguesia imperialista todas as alavancas da economia e reorganizar tudo sobre uma nova base. Longe de todas as recomendações cientificamente irrefutáveis sobre a necessidade de uma urgente transição energética após a fósil, o mundo está testemunhando um salto na petrodependência e na re-carbonização. A guerra na Ucrânia, ao limitar o abastecimento, apenas incentivou o investimento nas formas mais prejudiciais de geração de energia e no aumento do aquecimento global. Grandes corporações estão implantando, em escala global, uma nova ofensiva do imperialismo extrativista: mega mineração, agronegócios e até mesmo o asfaltamento nos principais enclaves urbanos do mundo. A irracionalidade do capital, alimentada pela lei do lucro, está por trás dos eventos climáticos extremos que vemos na Austrália e no Sul da Ásia, na Europa Ocidental, América do Sul ou Caribe, com consequências terríveis para as massas pobres.

Ao mesmo tempo, estamos passando por uma dura luta ideológica frente a este cenário. Os negacionistas de direita defendem absurdos. Desempenham um papel confuso que temos que combater. As variantes do capitalismo verde propõem “incentivar” os próprios capitalistas poluidores para uma reconversão ecológica: utopia reacionária. Outra quimera insustentável se espalha pelo reformismo: o Green New Deal promovido pela ala esquerda dos Democratas nos EUA, como uma espécie de Keynesianismo verde, que, no final, promove a falsa ideia de que, sem tocar a propriedade privada dos grandes monopólios de hidrocarbonetos, coexistindo com o capital poluidor, o desastre pode ser revertido. Uma falsidade.

Há também debates na esquerda marxista. Desde correntes dogmáticas que se recusam a assumir a necessidade de repensar medidas programáticas e enriquecer a bagagem do socialismo revolucionário,

até o revisionismo verde, que romantiza novos temas e afasta a classe trabalhadora como eixo articulador e o partido revolucionário mundial para a ação como estratégia. Com um certo peso no ativismo, há dois autores que contribuem com elementos de análise, enquanto propõem soluções que não compartilhamos: o “comunismo de descrescimento” de Kohei Saito ou a lógica de sabotagem e resistência civil de Andreas Malm, oposto à expropriação, ao planejamento democrático e ao dismantelamento do Estado burguês.

Por outro lado, cresce o movimento de ativismo com vitalidade internacional desde 2018, com as conhecidas greves climáticas, mas que tem importantes expressões regionais em todo o mundo, onde até mesmo, embora incipientemente, setores orgânicos da classe trabalhadora estão começando a desempenhar um papel com seus próprios métodos. Embora por enquanto o peso predominante seja da juventude, mas com uma simpatia generalizada e crescente em outras franjas do movimento de massas. Nossa responsabilidade como socialistas revolucionários e internacionalistas é sermos os melhores ativistas militantes nestas lutas, nos ligarmos ao melhor de sua vanguarda, intervir em eventos internacionais, regionais e nacionais sobre o assunto, propondo nossa saída antissistêmica, revolucionária, ecossocialista e internacionalista, tentando recrutar os melhores elementos para a construção da LIS e suas seções. Neste caminho estratégico, a tática de construir uma poderosa corrente ecossocialista de ideias e ação militante no movimento socioambiental, como um agrupamento da LIS e suas seções nacionais, é uma hipótese de intervenção e construção que teremos que explorar de acordo com as condições específicas de cada país ou região.

Nossos eixos programáticos propõem a expropriação dos contaminadores; reconversão industrial, energética e profissional dos próprios trabalhadores, para uma produção que visa garantir valores de uso social necessário, com controle da produção pelos trabalhadores, com planejamento democrático nacional, regional e internacional, abolindo a propriedade privada, fronteiras nacionais e apostando na estratégia de uma colaboração sem assimetrias imperialistas entre os povos do mundo. A reeducação social-cultural do consumo de massa, não para uma “ética da privação”, mas para o desfrute consciente e não alienado de toda a riqueza produzida pela clas-

se trabalhadora, será uma tarefa a ser enfrentada no marco de uma revolução social global com o apoio da inovação tecnológica para estes fins e não para substituir o trabalho humano pela rentabilidade privada. Marx disse que o capitalismo havia fraturado o metabolismo entre a civilização e a natureza ao esgotar as duas principais fontes de criação de riqueza: a força de trabalho e os ecossistemas. Nossa tarefa estratégica é restaurar esta dialética sob outra racionalidade social, com outra lógica humana e universal: o socialismo mundial com democracia e consciência dos limites físicos da natureza.

VIII. GÊNERO: REFLUXO DA ONDA, LUTAS E DEBATES

De 2015 a 2019, com desigualdades por países e região, ocorreu um ascenso do movimento feminista e, em menor grau, do movimento LGBT. Entre outros, seus principais motores foram a mobilização contra a violência machista e o direito ao aborto, com as conquistas mais recentes na Argentina, Irlanda e outros países.

Esta onda não continua em crescimento, está em certo refluxo. Algumas conquistas da luta, a pandemia e a contraofensiva reacionária contra os direitos levaram ao impasse atual. Isto não implica que os processos de luta não surjam, mas não atingem a magnitude e a radicalidade do período anterior.

O ponto alto do último período foi o processo de mobilização das mulheres no Irã contra o uso obrigatório do véu islâmico, iniciado com o assassinato de Mahsa Amini pela polícia religiosa, que por sua vez detonou o descontentamento popular acumulado, em uma verdadeira rebelião contra o regime teocrático e capitalista ditatorial dos mullahs.

A restrição dos direitos ao aborto nos EUA é parte de uma contraofensiva político-religiosa reacionária. Assim, estamos em uma verdadeira luta entre cortar direitos versus defendê-los ou expandi-los. Ao tentar reverter sua crise sistêmica, o capitalismo está atacando todos os direitos: econômicos-sociais, trabalhistas e sindicais, previdenciários, humanos, democráticos e civis, ambientais e também os direitos das mulheres e das pessoas LGBT e não-binárias. Em resposta, há lutas e é fundamental intervir nelas como age a vanguarda juvenil radical, que rapidamente faz a experiência com as instituições e partidos do

sistema, rompe e está aberta às ideias revolucionárias. Dentre as principais organizações e ideologias concorrentes, podemos destacar:

- O reformismo de todos os tipos, cujos aparelhos ainda possui influência relativa e cuja linha é retardar e desviar os processos progressivos de luta e organização aos canais institucionais.
- O feminismo “radical” ou radfem, que coloca o patriarcado e o homem-macho fora da estrutura de classe social como o principal inimigo, sendo assim, funcional ao capitalismo.
- A política de identidade que, ao dar prioridade política e organizacional às diferenças existentes (raça, gênero, migrantes, etc.) leva ao divisionismo, enfraquece as lutas e é a corrente mais antipartido revolucionário.
- O mandelismo, que postula um movimento feminista “autônomo” e considera o movimento operário em posição semelhante aos movimentos LGBT, ambientalistas ou antirracistas, diluindo o papel de direção da classe.

Diante destas posições erradas, defendemos um feminismo socialista militante e revolucionário. A opressão patriarcal é intrínseca à exploração capitalista, já que o trabalho doméstico gratuito das mulheres produz benefícios econômicos para a burguesia. Evitamos também a abstenção sectária diante dessas lutas: com mais de 40% de mulheres, mais os gays, sofrendo maior desemprego, precariedade e renda mais baixa, as questões de gênero fazem parte da vida cotidiana da própria classe trabalhadora.

IX. A IMPORTÂNCIA DA JUVENTUDE

A juventude é particularmente afetada pela crise do capitalismo em todas as suas expressões. O desemprego entre os jovens em todo o mundo excede em muito, muitas vezes dobra o da população em geral. São os mais afetados pelo trabalho precário e pela instabilidade. As políticas de ajuste restringem o acesso à educação pública e degradam sua qualidade. Em todo o mundo, a proporção de jovens que não estudam nem trabalham está aumentando, são criminalizados, perseguidos e muitas vezes mortos pelos aparelhos repressivos dos Estados burgueses. O capitalismo não oferece nada aos jovens, deixa-os sem oportunidades, sem um projeto, sem esperança e sem futuro.

Não é por acaso que são os jovens que frequentemente chegam à conclusão de que não têm nada a perder, que estão na vanguarda das rebeliões e revoluções que varrem o mundo e assumem posições mais radicais. Os jovens são a vanguarda da luta de classes nos últimos anos. Levantaram e mantiveram a linha de frente das rebeliões no Chile e na Colômbia; estiveram na vanguarda da rebelião Black Lives Matter nos EUA e das revoltas no Líbano, Irã e Iraque; estão hoje à frente das greves gerais e mobilizações massivas na França e da insurreição no Peru. Em geral, estão na vanguarda de todos os processos de mobilização, rebeliões e revoluções, bem como entre as camadas mais ativas e militantes no movimento operário, nas greves e nos processos de renovação sindical.



De maneira mais destacada, a juventude é propulsora dos movimentos e das lutas em defesa do meio ambiente, pelos direitos da mulher e do movimento LGBT, temas que preocupam e comovem especialmente a juventude. Embora nestes anos não tenha havido grandes movimentos estudantis reivindicativos, a defesa e a luta pela educação pública é também um tema importante e sensível para a juventude.

Por tudo isso, a juventude sempre foi e ainda é, nesta situação de crise sistêmica do capitalismo e ascensão da luta de classes, um setor estratégico para a construção de partidos revolucionários. Só se juntando com os jovens radicalizados que compõem a vanguarda dos processos de mobilização e ganhando-os para a saída estratégica da revolução socialista mundial, poderemos construir nossos partidos e nossa internacional com o melhor da vanguarda da luta de classes mundial.

X. CONSTRUAMOS PARTIDOS COM INFLUÊNCIA DE MASSAS E UM POLO DE REAGRUPAMENTO INTERNACIONAL

A dinâmica da crise capitalista nos diz que a única possibilidade de interromper o curso acelerado rumo à barbárie e à extinção que a classe dominante nos conduz, é com o triunfo da revolução socialista mundial. As massas estão fazendo a sua parte, ano após ano, há rebeliões e revoluções em todas as regiões do mundo. Mas em nenhuma, até agora, houve uma organização revolucionária com o acúmulo, influência, capacidade e intenção de disputar e ganhar a direção desses processos a fim de conduzi-los à revolução socialista. Isso continua sendo o problema dos problemas.

Temos visto todas as tentativas de combater ou evitar este problema fracassarem. As teorias autonomistas que floresceram após a queda da URSS, de que o mundo poderia ser mudado sem tomar o poder, foram repetidamente refutadas pela realidade. Sempre que o poder esteve nas mãos da burguesia, a burguesia o usou para esmagar todos os movimentos que a desafiaram.

Hoje, alguns questionam a validade da construção de partidos revolucionários, questionando se o objetivo estratégico de tais partidos é possível. Se a revolução não for planejada, uma organização cuja razão de ser é dirigi-la, torna-se inútil. Se o único objetivo é lutar por melhorias democráticas e sociais no sistema capitalista, é melhor limitar-se a construir partidos amplos com um programa limitado a estas exigências.

Essa perspectiva é errada, cética, possibilista e reformista. A única coisa que impede o triunfo da revolução socialista atualmente é a ausência de organizações revolucionárias estruturadas no movimento operário com o peso de disputar a direção dos processos revolucionários que estouram um após o outro e que continuarão a acontecer. Consequentemente, nossa tarefa estratégica é construir estas organizações revolucionárias, leninistas, baseadas na formação de quadros profissionais e um regime democrático e centralizado para a luta pelo poder.

Como não pretendemos construir seitas testemunhais, mas ganhar influência de massas e captar o melhor da vanguarda, temos que estar abertos para participar de certas experiências anticapitalistas amplas quando estas captam a simpatia de importantes faixas de trabalhadores e jovens que giram à esquerda. É por isso que, sem nunca perder nossa

independência política e organizacional, fazemos parte da ala esquerda do PSOL no Brasil. Mas não podemos confundir estas ou outras táticas, como a FIT-U na Argentina, com nossa estratégia, que é a de construir partidos bolcheviques. Estas táticas são úteis na medida em que nos ajudam a construir o partido revolucionário, mas a experiência mostra que não duram para sempre. Devemos estar preparados para o momento em que deixarem de ser progressivos e a realidade nos obrigue a delimitação.

Todas as nossas organizações, desde as maiores às menores, devem ter uma orientação para construir nos setores mais dinâmicos da classe trabalhadora e dar particular importância ao proletariado industrial. Tanto para ser uma referência nacional à vanguarda, como para ter um impacto em períodos de luta de classes em ascensão e, ainda mais, quando há rebeliões como as que estamos testemunhando em alguns países. É fundamental liderar setores de nossa classe. O trabalho e o crescimento da juventude, sendo fundamental para a formação de quadros, tem que estar a serviço estratégico de nos estruturarmos mais na classe operária.

Uma ferramenta fundamental para a construção de nossos grupos e partidos nacionais é a existência e o dinamismo que nossa Liga Internacional Socialista, a LIS, vem adquirindo. Ao mesmo tempo, este crescimento que estamos alcançando ao nível internacional mostra que no mundo existem condições cada vez mais favoráveis para avançar no reagrupamento de revolucionários.

A força da LIS reside em seu projeto, que tenta unir na mesma organização, camaradas provenientes de diferentes tradições, não apenas a partir de bases programáticas principista, mas também, fundamentalmente, a partir de um método saudável de respeito mútuo, sem imposições de qualquer tipo, profundamente democrático, para tentar avançar em direção a uma nova tradição que supere as existentes.

Ampliar o projeto LIS em cada um de nossos países e promover fortemente campanhas e iniciativas internacionais, pode, não apenas nos permitir transformar nosso agrupamento mundial em um polo de atração, mas também, nos ajudar a dar saltos qualitativos em nossa construção. ✊

Compartilhe
nossos documentos:



Aspectos-chave de análise e política marxista sobre a agressão imperialista da RUSSIA CONTRA A UCRÂNIA e sobre a política IMPERIALISTA DA OTAN

Esta resolução, que resume a análise, caracterização e política para a guerra na Ucrânia foi discutido e adotado por unanimidade em nosso 2º Congresso Mundial.

Após a Segunda Guerra Mundial, os dois aliados na guerra – a URSS e os Estados Unidos – dividiram partes do mundo em suas “esferas de influência”. Os Estados Unidos dominaram a Europa Ocidental e a América Latina (entre outros

países), enquanto a URSS dominou a Europa Oriental, partes da África e o Sudeste Asiático. Esses dois países tiveram uma Guerra Fria, que incluiu muitas guerras terceirizadas.

O poder militar de ambas as superpotências eram mais ou menos comparável. No entanto, a URSS perdeu gradualmente a corrida armamentista até ficar significativamente atrás dos Estados Unidos, ocorrendo o mesmo em sua economia.

Após a dissolução da URSS por um referendo em 1991, a Ucrânia tornou-se um Estado independente.



A terra da Ucrânia e seu povo estiveram sob o domínio da Rússia czarista por muitos séculos, durante os quais o Estado russo oprimiu e explorou a Ucrânia econômica, cultural e politicamente, como qualquer Estado imperialista faz.

Após a Revolução de Outubro de 1917, Lenin e Trotsky assumiram uma posição marxista internacionalista em relação aos povos oprimidos e o Estado revolucionário deu-lhes pleno direito à autodeterminação, incluindo o direito de separação. O objetivo era criar uma federação socialista fraterna na região e, em última análise, em todo o mundo. No entanto, alguns anos depois, sob o governo de Stalin, a posição marxista de Lenin sobre a questão nacional foi anulada e substituída por uma política chauvinista e repressiva.



O colapso da União Soviética foi causado não apenas pela insatisfação dentro da Rússia (alimentada pela crise da economia planejada burocraticamente, pela censura, a repressão estatal, etc.), mas também, em parte, por sentimentos contra de opressão à nacionalidade. O Leste Europeu e a Ásia Central buscaram se libertar do abraço sufocante do domínio e controle russo (comumente conhecido como “*Russificação*”), que a burocracia soviética contrarrevolucionária adotou como política após a morte de Lenin e o exílio forçado de Trotsky da URSS.

Neste contexto, percepções de represália e privação nacional sempre existiram nas massas trabalhadoras da Ucrânia. O Estado russo (“Rússia”) sempre foi visto como uma força opressiva e imperialista.

Após o colapso da URSS, a Rússia dege-

nerou em um país capitalista sob um regime autoritário de caráter “gangster/mafioso”. Ao longo dos anos, Putin se tornou um representante autoritário da classe reacionária e corrupta dos capitalistas russos que, como parte da burocracia stalinista, saqueou e destruiu a União Soviética e depois se tornou bilionário, roubando e também saqueando ativos estatais durante a guerra.

É verdade que, mesmo em meio à sua crise, o imperialismo estadunidense ainda é o imperialismo mais poderoso do planeta atualmente e é por isso que enfrentamos e denunciamos todas as suas políticas e ações ao nível internacional. Mas, em grande parte do Leste Europeu e da Ásia Central, ainda é a Rússia que desempenha um papel opressor sobre os povos e seu objetivo é estender seu domínio o máximo possível.

Portanto, independentemente de como qualquer um de nós veja a ex-URSS (“um estado operário degenerado” ou “capitalismo de Estado”), não há dúvida de que em 2022, no momento em que a Rússia realizou uma invasão em grande escala na Ucrânia, mostrou as ações de um estado capitalista de natureza imperialista cujo objetivo é fortalecer sua influência em toda a região e no mundo. Seu poder militar e econômico é incomparável com o da Ucrânia.

Os governantes imperialistas nunca reconheceram seus verdadeiros motivos para invadir outros países. Os Estados Unidos e seus aliados alegaram estarem tentando “derrotar o fascismo” na Segunda Guerra Mundial, embora, na realidade, fosse um conflito entre imperialistas pelo domínio mundial. Da mesma forma, a invasão do Iraque foi justificada pela alegação de que o Iraque possuía “armas de destruição em massa”. Essas desculpas esfarrapadas podem ser encontradas ao longo da história das invasões imperialistas.

A Rússia afirma que sua invasão da Ucrânia visa “desnazificar” e impedir o “genocídio”. Mas os resultados das eleições parlamentares na Ucrânia mostram que apenas 2% da população ucraniana apoia os nacionalistas de extrema direita, um percentual inferior ao que se expressa na França, Alemanha, Itália e na maioria dos outros países europeus.

Putin também afirma que a expansão da OTAN forçou a Rússia a invadir a Ucrânia para se proteger do imperialismo ocidental. Mas a Rússia é uma potência imperialista, com o

maior exército da Europa e o maior arsenal nuclear do mundo.

Em termos de renda per capita, a Rússia supera a capacidade econômica da Ucrânia em pelo menos quatro vezes. Nesse indicador, está em proporção semelhante ao Paquistão e Afeganistão. Além disso, a população da Rússia é de 140 milhões, enquanto na Ucrânia é de apenas 35 milhões.

As análises de Lenin sobre as guerras entre nações sempre começavam e terminavam com a análise de qual caminho fortaleceria ou enfraqueceria o movimento internacional da classe trabalhadora. É muito importante notar que Lenin diferenciou “nações opressoras” de “nações oprimidas”. Lenin compreendeu que, quando os trabalhadores em países opressores ficam do lado de sua própria classe dominante contra os povos que estes conquistam ou oprimem, isso enfraquece o movimento internacional dos trabalhadores. Simplesmente porque isso divide os trabalhadores de diferentes países entre si, quando, na verdade seus interesses de classe são comuns.

As invasões imperialistas são benéficas apenas para a classe dominante dos países opressores. Portanto, quando os trabalhadores dos países opressores apoiam uma invasão imperialista, esses vão contra seus interesses por duas razões: 1) ajudam a fortalecer seu próprio inimigo de classe no país; 2) semeiam a desconfiança e a divisão entre seus irmãos de classe no país invadido.

O direito das nações oprimidas à autodeterminação inclui o direito de resistir à invasão imperialista da maneira que escolherem. Na verdade, tem sido essa forte resistência que tem dificultado muito os planos militares de Putin dentro da Ucrânia. Mais uma vez, é sobre a classe trabalhadora. Apoiar o direito dos ucranianos comuns de resistir à invasão russa não significa o apoio político à classe dominante ucraniana contra a classe dominante russa.

A invasão da Ucrânia por Putin apenas fortaleceu a posição até então enfraquecida da OTAN em escala global e acabou dando-lhes a justificativa para uma maior expansão. Também forneceu ao regime de Zelensky uma oportunidade brilhante de implementar todos os tipos de políticas antidemocráticas e anticlasse trabalhadora, que devem ser combatidas com toda a força pela solidariedade do proletariado e do programa socialista.



Resolução sobre ~~ativistas~~ OPERÁRIOS PRESOS NA BIELORRÚSSIA

O dia 19 de abril marcou um ano da prisão dos dirigentes e ativistas operários do Sindicato Independente da Bielorrússia, processados injustamente. Por esta razão, a plataforma Solidarnast, que reúne trabalhadores bielorrussos no exílio, convocará um ato em Bremen, na Alemanha, e realizará uma campanha internacional exigindo a libertação dos trabalhadores presos e o fim das acusações criminais.

A LIS resolve:

Realizar uma campanha de solidariedade com textos, vídeos e saudações aos trabalhadores bielorrussos no exílio, ações nas embaixadas bielorrussas no mundo exigindo a liberdade dos trabalhadores bielorrussos presos políticos. 🐞

Compartilhe nossos documentos:





A política de derrotismo revolucionário não é apropriada aqui, pois só se aplica a guerras entre imperialistas, especialmente quando são travadas em escala global. Neste caso, a Ucrânia não é uma potência imperialista. Além disso, apesar de todo o apoio militar e financeiro do imperialismo ocidental ao Estado ucraniano, a OTAN ainda não entrou diretamente na guerra.

Até agora, nem a OTAN, nem a China quiseram dar passos concretos nessa direção. Portanto, essa ainda não é uma guerra mundial e interimperialista. Mas se tal situação ocorrer (o que seria extremamente catastrófico e terrível), nós revolucionários teremos que reordenar a política. Começando por responder em primeiro lugar, e como elemento central de uma guerra interimperialista, nossa rejeição e, a partir daí, apoiar o direito dos povos oprimidos de defender sua nação e decidir seu destino. Se esta mudança qualitativa na disputa interimperialista ocorrer, a direção da LIS responderá com seu programa e estratégia socialista. Sobre a situação atual da guerra na Ucrânia, achamos necessário nos referir aqui a estratégia de nossos mestres marxistas em situações semelhantes.

No contexto da invasão imperialista do Japão à China semicolonial, Trotsky havia proposto uma política de luta contra os invasores japoneses para as massas trabalhadoras chinesas, sem abrir mão de seu programa político e de sua independência de classe organizativa. As forças imperialistas ocidentais estiveram totalmente envolvidas neste conflito e em dife-

rentes momentos forneceram ajuda financeira, militar, política e diplomática aos nacionalistas chineses contra o Japão. Entre esses estavam os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e a Austrália.

Durante a Revolução Russa, no período de um possível avanço de Kornilov em Petrogrado, os bolcheviques realizaram uma luta política contra o governo de Kerensky e uma luta militar contra as forças de Kornilov com a mesma estratégia. Uma política semelhante foi proposta por Trotsky durante a Guerra Civil Espanhola, que envolveu uma luta política contra os stalinistas e os social-democratas por um lado, e uma luta militar contra as forças de Franco por outro.

Em qualquer situação similar, é importante levar em conta o equilíbrio de forças e analisar a partir dos interesses da nossa classe.

Obviamente, os autoproclamados esquerdistas anti-imperialistas, que direta ou indiretamente apoiam e justificam o ataque de Putin, estão cometendo um erro gravíssimo. Da mesma forma, a aplicação da política de derrotismo revolucionário nessas circunstâncias fortalece a agressão russa.

Muitos desses grupos estão tão enganados que se recusam a reconhecer a Rússia não apenas como uma potência imperialista, mas também como um Estado capitalista. Tais tendências ideologicamente insustentáveis e oportunistas estão fadadas ao fracasso. Por outro lado, apoiar ou elogiar a OTAN, ou apoiar o governo burguês de Zelensky na Ucrânia é igualmente um grave erro ideológico e político. Apoiamos a resistência do povo ucraniano

de forma independente, em oposição ao governo e a favor dos interesses globais da classe trabalhadora.

Assim o temos feito denunciando, em plena guerra, as medidas do governo ucraniano que afetam os direitos sociais, os direitos sindicais e direitos democráticos dos trabalhadores e denunciando todas as políticas econômicas pró-FMI ou pró-União Europeia.

Nas circunstâncias atuais, pedir aos trabalhadores ucranianos que ignorem a agressão russa e peguem em armas contra o Estado ucraniano equivale a apoiar a agressão imperialista russa. Mas se surgissem condições subjetivas e objetivas semelhantes às da Rússia em 1917, nas quais os trabalhadores ucranianos pudessem derrotar a agressão russa e derrubar o governo de Zelensky e o capitalismo na Ucrânia, então não deveria haver um segundo de hesitação em realizar essa tarefa histórica.

A tarefa de derrubar o governo de Zelensky na Ucrânia é revolucionária e pertence exclusivamente às massas trabalhadoras ucranianas. Nenhuma potência estrangeira tem o direito de decidir por esses coletivos proletários.

Neste momento, a campanha para acabar com a guerra e acabar com a invasão russa da Ucrânia deve ser realizada com um programa anticapitalista mais amplo, começando com o apoio de classe ao povo ucraniano que resiste à invasão russa. A agressão russa deve ser condenada com a exigência pela retirada imediata de suas tropas.

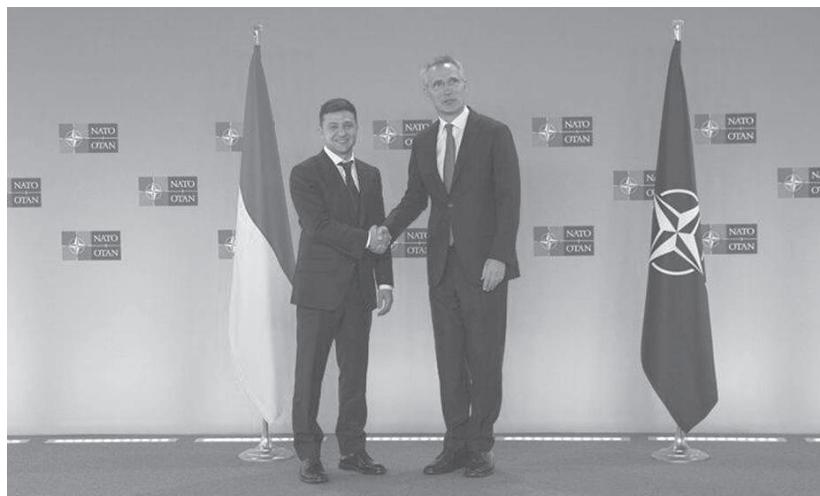
A vitória do povo ucraniano enfraquecerá o regime de Putin e abrirá uma nova situação favorável para a importantíssima classe trabalhadora russa e para todos os povos do Leste Europeu, ao mesmo tempo que intensificará a luta de nossa classe contra todos os governos que tentam aplicar planos antioperários e impopulares. Com base na nossa defesa do direito do povo ucraniano em ser um país livre, também afirmamos que nas áreas dos territórios de Donetsk, Luhansk e da Crimeia são pelo direito à autodeterminação de sua população, sem tropas russas nesses territórios, sendo uma decisão verdadeiramente democrática.

Ao mesmo tempo, exigimos não só a retirada da OTAN de todo Leste Europeu, mas também a dissolução total da OTAN com a anulação de todos os pactos e planos militares que existem a serviço da sua política expansionista. Expressa-

mos nossa rejeição a todas as políticas belicistas do imperialismo ocidental e os aumentos dos orçamentos militares em seus países.

Além disso, rejeitamos as sanções econômicas que afetam a vida das famílias trabalhadoras e da população russa e, certamente, exigimos a liberdade daqueles dentro da Rússia que lutam contra a guerra. Também apresentamos um programa de expropriação revolucionária de todas as riquezas e bens das classes dominantes russa e ucraniana.

A posição histórica de Lenin e Trotsky sobre a questão nacional deve ser reafirmada e, como solução fundamental, deve ser apresentada uma confederação socialista voluntária e fraterna de todos os povos do Leste Europeu, do Cáucaso e da Ásia Central, sem qualquer ressurgimento de influências imperialistas e desigual entre os



povos. Para desenvolver toda a nossa política contra a guerra, continuamos nos esforçando para fortalecer uma organização revolucionária dentro da Ucrânia, como fazemos com a Liga Socialista Ucraniana, e também no resto do Leste Europeu pelos outros camaradas da LIS que fazem um esforço para divulgar nossas posições internacionalistas e socialistas.

Com base nesta caracterização e nesta política, a LIS deve continuar promovendo e participando de mobilizações e outras ações conjuntas de solidariedade em todos os países do mundo onde for possível e manter a campanha internacional de apoio aos nossos camaradas ucranianos. ✊

Compartilhe nossos documentos:



A economia mundial sob o signo DA INCERTEZA E DA FRAGILIDADE

ESCREVE: MARIANO ROSA, DIRIGENTE DO MST DA ARGENTINA.

O recente 2º Congresso Mundial da LIS, em Barcelona, abordou a Economia Mundial como tema em um de seus pontos. Na véspera do debate, a pauta era dominada por notícias alarmantes para a elite do capital financeiro: o Banco do Vale do Silício estava quebrando. Este acontecimento, que antecipou uma cadeia de corridas em outras entidades conhecidas, parecia confirmar a natureza da economia mundial nesta fase: incerteza e fragilidade crônica. Neste artigo, apresentamos os problemas centrais do documento aprovado no Congresso.

A falência do banco californiano Silicon Valley Bank (SVB) transformou-se no evento mais importante desde a crise de 2008. Esta entidade recebia depósitos e emprestava a empresas do setor tecnológico estadunidense, principalmente. O banco paradoxalmente apostou o grosso dos seus ativos em títulos do Tesouro dos EUA. A nova política da FED de aumento de taxas pôs em xeque a estabilidade do investimento feito e o seu valor caiu. O contra-ataque do SVB, tentando vender US \$2,25 bilhões em novas ações, para tentar sustentar seu balanço, espalhou o pânico entre as principais empresas de tecnologia da Califórnia que mantinham seu dinheiro no SVB. Houve uma clássica cor-

rida e o banco impôs um “impedimento” de cima para baixo. Assim, as ações da empresa despencaram (já que parte central de seu valor potencial está nas certezas oferecidas) e arrastaram outros bancos. Em poucos dias, seguiu-se o colapso dos criptobancos Signature e da Firts Republic. Na Europa, o Credit Suisse, com 167 anos de história, também tropeçou.

No coração do imperialismo, a autoridade bancária nacional operou um salvamento para evitar mais sangramentos. Trata-se de uma nacionalização de fato, mesmo que eventual. O Banco Central Suíço agiu da mesma forma. Como um raio que caiu do céu? A interpretação mais correta é a expectativa de uma provável tempestade. O tamanho da alavancagem fictícia entre o valor declarado de muitos bancos e o valor contábil concreto provocou oscilações violentas no valor dos negócios investidos, fazendo tudo estremecer como um castelo de cartas. O que acontece é que os bancos escondem o valor real de suas perdas e isso faz com que o mercado as superestime. Quando há corridas, os depositantes correm para recuperar os seus depósitos e as entidades não têm dinheiro para devolver. É um circuito. De acordo com um relatório do Financial Times de alguns dias, o valor das perdas não declaradas pelos bancos estadunidenses chega a impressionantes 2 trilhões de dólares. A orientação econômica de resgate, da “mão visível” das reservas públicas é a mesma operação utilizada desde 2008 pelas burguesias centrais. A síndrome de 1930, com o pânico, a depressão e seu resultante na luta de classes assombra e provoca essas intervenções

emergenciais. Tudo isso significa o desperdício de recursos públicos para o sustento artificial dos negócios do setor mais parasitário do capitalismo.

AS ORIGENS DAS DISTORÇÕES: 5 TESES SOBRE A ECONOMIA MUNDIAL

Para uma análise mais abrangente sobre a economia mundial e a compreensão dos episódios súbitos, partimos de cinco definições centrais:

- Primeiro, a economia capitalista mundial não decola há 15 anos. A taxa de lucro está em seus níveis mais baixos desde o fim do “boom” da pós-segunda guerra.
- Segundo, ao cair progressivamente o fator essencial (a “taxa” de lucro, ou seja, o retorno do capital sobre o total investido), gera consequências que alimentam um “ciclo estrutural vicioso”.
- Terceiro, este “círculo vicioso” resulta na baixa rentabilidade, desencoraja do ponto de vista das regras do capital no investimento produtivo, e principalmente o baixo investimento em tecnologia, encaminhando o capital para a especulação e acumulando tensões que se manifestam como crises recorrentes, como bolhas: as principais crises capitalistas dos últimos 25 anos tiveram relação com esse mecanismo.
- Quarto, o salto da especulação também tem outra face: há um elemento endêmico, estrutural, que é a queda da produtividade da economia. Isso faz com que os capitalistas reforcem ou aprofundem a ofensiva sobre a força de trabalho: para compensar a baixa produtividade, por falta de investimento, fazem o impossível para aumentar os níveis de exploração do trabalho.
- Quinto, o padrão de acumulação capitalista mais difundido não é a incorporação virtuosa da robótica ou da inteligência artificial: tomando a economia-mundo como um todo, cresce a precariedade em todas as suas formas e, estrategicamente, a supressão de direitos trabalhistas como a agenda de ataques da burguesia mundial contra a classe trabalhadora e os mais pobres.



Essas questões são o nó central de todas as distorções da economia capitalista na fase atual.

BURGUESIA ESPECULADORA, ENDIVIDAMENTO E A CHINA: ALGUMAS ANOTAÇÕES

A partir da Queda do Muro de Berlim em 1989, aprofundou-se um perfil dominante do tipo burguês: mais míope, mais circunstancial, mais especulativo, mais decadente como classe dominante. Não há meio-termo, não há investimento estratégico: a burguesia é uma jogadora de roleta, é uma jogadora de cassino, age com a lógica do “cada um por si”. Qual é a causa desse fenômeno global? A luta de classes que, embora com ritmos desiguais, desde os anos 2000 não deixou de ter ondas regionais, elevando-se e impondo limites à agenda de ataques da burguesia mundial. É por isso que os capitalistas veem o improviso como saída.

Existe outro elemento-chave para a situação econômica global e um elo, frágil, em escala planetária: a dívida privada e corporativa é pública. A proporção de dívidas em relação ao PIB mundial quase o dobra. A política conjuntural de elevar os juros para “esfriar” a economia ainda agrava essa tensão estrutural: encarece o preço do crédito e, assim, as economias domésticas quebram, as empresas entram em estagnação e jogam vários países na linha da inadimplência. Isso também tem uma derivação que são as “receitas” ou “conselhos” do FMI, com a intromissão do imperialismo usuário “auditando” os países, com mais cortes, ajustes, austeridade, causando fenômenos de polarização, manifestações, motins, rebeliões e crises. Por isso, afirmamos que as dívidas são um dos elos frágeis da economia mundial.

A economia chinesa é outro tema que precisamos avaliar: procuramos fornecer dados e arriscamos algumas hipóteses, descrevermos, e fazemos um paralelo histórico para explicar o ponto a partir do qual a tensão/disputa entre os países (China versus EUA) é “economicamente” imperialista. Para nós, é possivelmente o fenômeno geopolítico mais importante na conjuntura mundial e, ao mesmo tempo, ainda em processo de amadurecimento. A China continua acumulando economicamente e tentando dar um salto para o confronto aberto pela hegemonia. Encontra-se numa transição incerta e aberta, embora esteja germinando um embate potencialmente decisivo.



A SAÍDA DO LABIRINTO (CAPITALISTA)

Todas as previsões confirmam um horizonte de estagflação crônica na economia com expressão na luta de classes. Incapaz de impor um plano de ataques, incapaz de derrotar toda a linha de frente da classe trabalhadora e do movimento de massas (como ficou provado na França, nas greves na Inglaterra ou nas revoltas na América Latina) o capital intervém por imposição com ajustes da rentabilidade pela inflação de preços ou mascaramentos antes de um pânico do quebra, com a manipulação das taxas de juros, por exemplo. Em médio prazo, a hipótese é de fragilidade capitalista, incerteza e caos, um palco aberto para disputar uma saída classista.

Em termos históricos, na política, o capitalismo bloqueia o processo de desenvolvimento

civilizatório. Desbloqueá-lo implica enfrentar os limites do capital. Portanto, há uma saída, a construção de uma outra forma econômica. De forma imediata: um programa contra as dívidas; uma saída para a especulação e a crise bancária; uma plataforma contra a escassez e o desemprego; ao final, uma reorganização na raiz do problema, frente ao desordenamento dessa economia de incertezas, especulativa.

Se falamos de dívida, o caminho é categórico: suspender todos os pagamentos, auditar e dar voz social para mobilizar e apoiar uma medida soberana. Paralelamente, promover uma frente internacional de países devedores.

Contra o cassino do capital fictício: nacionalizar todo setor financeiro privado, medida que deve ser acompanhada pela apropriação pública do comércio exterior. As alavancas de crédito para uma política econômica independente e de classe e o painel de botões das relações internacionais devem passar das mãos da atual minoria privilegiada para a maioria trabalhadora. Não resta dúvida.

Diante do desemprego e da pobreza: planejamento massivo de obras públicas e redução da jornada de trabalho com igualdade salarial. Trabalhar menos para todos trabalharem.

Ao final, reconversão da matriz geral de produção: como a história econômica do século XX, e até agora do século XXI, tem mostrado, a demanda por bens não equilibra a oferta. Isso é uma falsa premissa da ciência econômica capitalista vulgar. O que de fato existe é desordem, anarquia e desperdício porque o capital produz e atropela o trabalho socialmente necessário. A visão socialista é oposta: partimos do cálculo social das necessidades reais e, a partir daí, planejamos democraticamente a produção e organizamos o consumo com base nesse parâmetro, agregando também, diante da herança ecocida do capitalismo, a consciência dos limites da natureza. Planejamos nesses termos. Com essa orientação nós militamos. ✊

Leia aqui o
documento sobre
Economia aprovada
no Congresso da LIS



Resolução sobre o movimento SOCIOAMBIENTAL: POLÍTICA E ORIENTAÇÃO

Conforme expresso no documento sobre o tema contribuído para este 2º Congresso Mundial, possivelmente estamos presenciando um momento histórico sem precedentes, pois o sistema capitalista, em estágio de decomposição ecocida, coloca a civilização humana como a conhecemos em um verdadeiro dilema da época. As condições que possibilitaram a habitabilidade no planeta são questionadas e ameaçam mudar de forma difícil de reverter e, ao mesmo tempo, aquela dialética que Marx



chama em O Capital de “metabolismo entre humanidade e natureza” está totalmente em crise, fraturada. Por isso, o enorme desafio que enfrentamos como socialistas é lutar pela destruição do capitalismo através de uma profunda revolução social, que lança as bases para a transição de uma matriz produtiva para uma que leve em conta os limites dos ecossistemas planetários.

Para a esquerda, a tarefa de responder ao nível da teoria e da política, do programa, da orientação e das táticas de construção militante, apresenta-se a um fenômeno sem precedentes. As nossas premissas são intervir com firmeza nos princípios e na estratégia, embora com flexibilidade não dogmática na interpretação de novos problemas e na interação com a vanguarda do setor. A LIS e suas seções devem dar importância a essa frente por vários motivos:

- Porque o fenômeno objetivo da destruição ecológica e dos impactos sociais é mundial: não há região do planeta isenta das consequências dessa dinâmica.
- A questão ainda mobiliza setores de vanguarda, exceto em alguns países, com as chamadas greves climáticas que foram massivas. No entanto, devido a catástrofes humanitárias como os incêndios na Austrália ou na América do Sul, as inundações no Paquistão e recentemente no Brasil, furacões no Caribe, ondas de calor infernais e até pandemias como calamidade recorrente, a sensibilidade para essas questões cresceu em simpatia. Em segmentos maciços da população, e já ultrapassa o caráter de preocupação limitada a pequenos nichos de especialistas e se situa na agenda política mundial.
- Porque há uma escalada de assassinatos de militantes socioambientais, nas mãos de paraestatais, quadrilhas privadas de latifundiários e grandes corporações. Somente em 2022, 1.733 militantes foram assassinados: Brasil, Colômbia, Filipinas, México e Honduras lideram a lista com mais casos.
- Porque no campo da disputa ideológica, a burguesia imperialista utiliza os acontecimentos de repercussão internacional para estabelecer uma agenda, construir o bom senso das massas e acobertar as responsabilidades do sistema capitalista no ecocídio em curso. Assim, a realização das cúpulas do clima (a COP que ocorre todos os anos em diferentes países) tornou-se uma referência para a realização de contracúpulas do movimento socioambiental. Em 2025, o Brasil possivelmente sediará a COP 30 em Belém do Pará.
- A burguesia mundial registrou que o assun-

to é urgente e preocupante para sua classe, não tanto pelo futuro do planeta, mas se torna um fator de alteração de seus negócios, acrescenta contradições à situação social e política polarizada, e aprofunda a desconfiança na política capitalista, seus estados, regimes, governos, partidos e burocracias sindicais. Assim, de suas fábricas de falsa ideologia para construir o senso comum reformista de massa, eles propagam todos os tipos de histórias confusas. Mesmo no campo da esquerda e do ativismo, multiplicam-se as concepções políticas que levam a um caminho de adaptação ao status quo ou que alimentam expectativas em variantes que não questionam o regime de propriedade capitalista, suas fronteiras nacionais, a anarquia da produção e o propósito anti-humano da acumulação privada sob as regras do sistema. Por esta razão, a luta ideológica é crucial para um programa revolucionário de transição contra esta questão.

Dessa forma, o 2º Congresso Mundial da LIS resolve:

- 1) Participar das lutas e ações que se dão por esses problemas, com palavras de ordem e perfil próprio em todos os países e regiões onde marcamos presença enquanto LIS. Isso também inclui levar em escala internacional com slogans unificados as ações mundiais de unidade de ação que são chamadas.
- 2) Produzir mais elaboração teórico-política e responder aos debates com artigos e publicações. Preparar material para cursos, workshops, seminários e treinamentos internos. Dar especial importância ao desenvol-

vimento de nossa visão para o setor sobre o papel da classe trabalhadora na luta pela transição, a mecânica da revolução social e a construção de um partido de luta pelo poder político para reorganizar a sociedade em novas bases.

- 3) Incorporar a denúncia dos crimes de ativistas socioambientais e participar das ações que são realizadas em países onde existem organizações da LIS.
- 4) Apoiar a iniciativa e assinar a convocação da Contra-Cúpula realizada pela Revolução Socialista (seção brasileira da LIS) em conjunto com sindicatos, associações e movimentos ambientalistas. As informações sobre sua organização, bem como as datas, serão compartilhadas internacionalmente.
- 5) Onde tivermos oportunidade e força, apostar na construção de uma tendência ou corrente orgânica revolucionária no movimento socioambiental. Isso supõe uma política específica para tentar influenciar o curso do movimento onde quer que tenhamos que atuar e realizar agitação propagandística de nosso programa.
- 6) Além de participar dos eventos de debate e reuniões nacionais e regionais que se organizam, para intervir em nosso programa, convocar um II Encontro Mundial Socioambiental da LIS no mês de junho, tendo como referência o primeiro que realizamos, cujo saldo foi muito positivo. 🐛

**Leia aqui o documento
Socioambiental aprovado
no Congresso da LIS.**



Resolução sobre a atualidade DAS LUTAS DE GÊNERO E A POLÍTICA REVOLUCIONÁRIA

1. Entre 2015 e 2020, com desigualdades por país e região, se desenvolveu no mundo uma nova onda de luta feminista: a quarta onda da história contemporânea. Com epicentro nos Estados Unidos, América Latina e Europa, teve alcance internacional. As principais reivindicações foram a luta contra a violência machista, pelo direito ao aborto e igualdade salarial, entre outras. Ao mesmo tempo, mas em menor grau, houve um ascenso do movimento LGBT por direitos iguais.

A quarta onda foi um processo progressivo de organização e mobilização, com composição policlassista, em defesa dos direitos de gênero e pela ampliação. Emergiu uma vanguarda juvenil radicalizada e aberta às ideias anticapitalistas e revolucionárias, que rapidamente experimentou as instituições burguesas e foi fonte de crescimento militante. Desde 2017, a onda estabeleceu a Greve Internacional das Mulheres e Dissidentes em 8 de março, metodologia da classe trabalhadora, que hoje inclui marchas e ações em cerca de 80 países.

Atualmente, embora como resultado dessa quarta onda haja uma maior conscientização das questões de gênero em setores de mas-

sas, a ascensão do movimento não se manteve. Estamos passando por um certo refluxo devido a uma combinação de três razões: a) algumas conquistas pontuais como produto das lutas; b) a pandemia do coronavírus e; c) em menor escala, a contraofensiva reacionária política e religiosa contra os direitos das mulheres. No entanto, também existem processos de luta das mulheres e LGBTs em vários países, mas por enquanto não atingem a extensão, magnitude ou radicalidade do período anterior.

2. Quando se fala de feminismo de forma comum, faz-se referência a um movimento amplo e diversificado pelos direitos das mulheres e contra a opressão machista, um movimento cuja natureza é policlassista. Por isso é de grande importância política para nossa corrente nos definirmos e nos apresentarmos não apenas em termos de gênero como feministas, mas de forma diferenciada e integral, ou seja, como feministas socialistas ou feministas revolucionárias. Isso ocorre porque concebemos a luta por tais direitos como parte inseparável da luta política geral contra o sistema capitalista e a exploração de classe



que sustenta e se beneficia da opressão patriarcal.

Não fazer isso significaria não nos distinguirmos ou nos adaptarmos às diferentes correntes burguesas, reformistas ou ditas identitárias que atuam com maior ou menor peso relativo em cada país, defendendo o capitalismo e a conciliação de classes, portanto, inimigas da revolução socialista. Voltaremos a esses aspectos nos pontos 8 e 9 deste texto.

3. Em relação aos avanços de gênero, por exemplo, o direito ao aborto foi conquistado na Irlanda (2018), Islândia (2019), Argentina e Nova Zelândia (2020), Austrália, Coreia do Sul e Tailândia (2021) e Colômbia (2022). Leis contra o assédio sexual nas ruas foram votadas no Peru (2015), França (2018) e Chile (2019); no Paquistão, contra os chamados crimes de honra (2016), no Equador contra a violência de gênero (2017), no México contra o assédio



digital (2017), no Sudão contra a mutilação genital feminina (2020). O casamento igualitário foi alcançado na Irlanda (2015), Colômbia (2016), Finlândia, Alemanha, Austrália (2017), Áustria, Taiwan e Equador (2019), Grã-Bretanha e Costa Rica (2020), Chile, Suíça, Cuba e México (2021), e a lei trans no Estado espanhol (2023).

Sobre a pandemia, intensificou todas as desigualdades estruturais do sistema capitalista. É por isso que cresceram os níveis de pobreza e desemprego – que atingem mais as mulheres -, as tarefas domésticas gratuitas e a violência masculina, incluindo sua pior expressão: os feminicídios. Estamos enfrentando no mundo um processo generalizado de feminização da pobreza e maior precarização do trabalho e da vida das mulheres em geral. A pandemia também expôs trabalhadores(as) da saúde, com alta composição feminina, na linha de frente, que liderou fortes lutas em muitos países.

Sobre a contraofensiva antidireitos, é uma das expressões da polarização social e política. Em 2021, o governo talibã no Afeganistão reforçou todas as regulamentações discriminatórias contra as mulheres na educação, no trabalho e em outras áreas, no oeste do país há famílias em situação de pobreza que até vendem suas filhas para sobreviverem. Nova Delhi continua sendo a capital mundial do estupro. Em 2022, a Suprema Corte dos EUA anulou a histórica decisão Roe versus Wade, permitindo leis contra o direito ao aborto em vários estados. De mãos dadas com governos de direita, avançaram contra o direito ao aborto e à comunidade LGBT na Polônia, Hungria, Rússia e outros países do Leste Europeu. Em seus discursos, o fundamentalismo político-religioso e a extrema direita incluem ataques diretos ao que chamam de ideologias de gênero.

4. O ponto alto atual da luta feminista no mundo é a mobilização das mulheres no Irã contra a obrigatoriedade do uso do véu islâmico, o hijab, com as jovens à frente. Teve início em setembro de 2022 em resposta ao assassinato da jovem curda Mahsa Amini pela polícia religiosa. Esta reivindicação feminista e democrática recebeu forte apoio social e serviu como gatilho para o profundo descontentamento popular acumulado, originando uma rebelião contra o regime ditatorial, capitalista e teocrático dos mulás, embora agora apaziguado pela repressão. O recente envenenamento por gás de 600 meninas em escolas secundárias, que estavam na linha de frente da luta anti-véu, gerou vários protestos estudantis e repúdio social com repercussão internacional.

Ao mesmo tempo, em países imperialistas onde o uso do véu é proibido como componente da política anti-imigração e anti-islâmica, como a França, defendemos o direito das mulheres de decidir: “meu corpo, minhas regras”.

Em outras regiões do mundo há um atraso maior nos direitos de gênero. Por exemplo, na África subsaariana e no sul da Ásia os casamentos arranjados, ou seja, casamentos forçados e precoces para mulheres continuam a ser frequentes. Na África Central, continua a prática da mutilação genital feminina. Em vários países do mundo árabe e do subcontinente indiano, os chamados crimes de honra são verdadeiros feminicídios. E em grande parte, existe o preconceito, a discriminação e perseguição à homossexualidade.

5. América Latina continua sendo um centro de luta feminista e LGBT tendo a Argentina como referência. Por exemplo, o Encontro Nacional que todos os anos reúnem mais de 50 mil mulheres de todos os espaços sociais e políticos, incluindo os partidos capitalistas, convoca entre seus pontos a “construir feminismos anti-patriarcais, anticapitalistas, antiimperialistas e anticlericais”. Mesmo assim, no 8M houve marchas divididas: uma do peronismo e outra da esquerda. E no ato da última Marcha do Orgulho LGBT, organizada por cerca de 60 grupos, a maioria peronistas, a ministra peronista nacional para gênero foi vaiada por seu imobilismo político.

No Brasil, grupos feministas apoiaram a campanha de Lula, mas o giro anti-aborto nas últimas semanas das eleições presidenciais, cedendo pressão a setores religiosos, abriu algumas contradições. Na Colômbia foi parecido com o governo de Petro e Francia Márquez, mas começa uma certa decepção. No Chile, a rebelião de 2019 impôs a paridade de gênero na Constituinte, mas a Coordenadora da 8M se burocratizou e acabou apoiando o pacto institucional de Boric com a direita que favoreceu esta última. A ditadura de Ortega-Murillo, como parte de sua repressão geral, banuiu 40 organizações feministas. Além disso, há mulheres que dirigem a luta pelos direitos humanos.

Nos EUA, após a decisão, a luta pelo direito ao aborto foi repensada. Em 2022, os principais grupos de gênero, como a Marcha da Mulher e a Paternidade Planejada, próximos ao Partido Democrata, canalizaram tudo para as eleições legislativas. Em parte, é por isso que o PD manteve o controle do Senado e evitou uma derrota retumbante na Câmara dos Deputados. No Texas e na Flórida, os Republicanos estão travando uma cruzada conservadora com projetos de lei anti-direitos, como a proibição de materiais escolares sobre os direitos LGBT. Isso gerou alguns protestos, mas localizados e insuficientes para frear a ofensiva.

6. Quanto ao Velho Continente, a polarização é perceptível. Por exemplo, uma rede de direita cristã, Agenda Europe, opera em 30 países e propõe “restaurar a ordem natural”, realizando campanhas anti-direitos.

Na França, existe o movimento feminista *Nous Toutes*, antiviolença contra as mulheres, reformista, que convoca marchas de 50 mil pessoas. Também os grupos *Feminist Stri-*

ke 8M e *Pink Bloc*, mais radicais. Diante da decisão nos EUA, o parlamento francês votou para incluir na Constituição “a liberdade das mulheres de interromper a gravidez”. No dia 7 de março foi a greve geral contra a reforma da previdência, no dia 8 conectou-se com a greve feminista que levanta a mesma reivindicação (convocada por grupos feministas e sindicatos), no dia 9 com a marcha da juventude, no dia 11 com outra greve nacional dia de mobilização com possível continuação.

Na Grã-Bretanha, que há meses foi abalada por uma onda de greves históricas, as mulheres se destacam nas lutas sindicais (especialmente enfermeiras e outras trabalhadoras da saúde) e na luta de bairro contra o aumento dos preços dos serviços.

O mesmo acontece no Estado espanhol na luta pela saúde pública. Além disso, a reforma da lei antiviolença divide a aliança governista *PSOE-Podemos*. Suas ambiguidades teriam sido evitadas se as organizações feministas tivessem sido previamente consultadas. A recente lei trans e um projeto de lei sobre a prostituição geraram debates devido à pressão do setor *radfem*, que é estritamente transfóbica e pela abolição de gênero.

Na Ucrânia, em meio à total alteração da vida cotidiana que o conflito bélico significa, as mulheres são parte ativa da resistência contra a invasão imperialista russa.

7. Na China, para conter o avanço demográfico, de 1980 a 2015 a burocracia restauracionista impôs a política do “filho único”, de preferência um menino. Isso levou ao envelhecimento da população. É por isso que desde 2016 o governo mudou para a linha dos “dois filhos”, fez campanhas a favor da “família socialista”, aprovou uma nova lei antiviolença doméstica e a liga da juventude comunista lançou até uma plataforma de namoro online. Ao mesmo tempo, em várias províncias o direito ao aborto foi limitado e as licenças de gravidez foram estendidas. Embora persista uma forte tradição patriarcal, nas grandes cidades as jovens buscam maior independência, casam-se mais tarde e cada vez menos acreditam no casamento como garantia de ascensão social: seu número é baixo, enquanto o número de divórcios é crescente, principalmente devido a processos judiciais femininos. Se o governo falhar em sua política natalista e avançar contra o direito ao aborto, colidirá com essas novas gerações de mulheres.

Na classe trabalhadora, que tem a parti-

cularidade de ter uma composição de 54% de mulheres, as mulheres como em todo o mundo sofrem salários mais baixos, maior exploração, precariedade e assédio no trabalho. Em 8 de março de 2018, o governo baniu o site independente Voces Feministas das duas principais plataformas de mídia social: Weibo e WeChat.

8. Para as socialistas revolucionárias, é fundamental intervir sem sectarismo nas lutas e movimentos de mulheres e LGBT com um duplo objetivo: desenvolver a mobilização e construir nossas organizações, sempre em disputa com as direções reformistas ou outras concorrentes. Como dissemos antes, são movimentos policlassistas nos quais participam correntes que defendem a conciliação de classes ou outras ideologias equivocadas. Dentre as principais concorrentes, destacamos:
 - Reformistas de todo tipo (PS, PC, centro-esquerda, neo-reformismo). Seus aparelhos ainda têm peso dirigente ou mantêm certa influência. Sua estratégia é tentar frear e desviar os processos progressivos de luta e organização para a via institucional.
 - Feminismo “radical”, ou radfem, que surgiu nas décadas de 1960 e 1970, mas ganhou força a partir do pós-modernismo dos anos 1990. Situa o patriarcado e o macho como o principal inimigo, apagando o quadro de divisão das classes sociais e sendo assim funcional ao capitalismo. São antipartido, especialmente contra a esquerda revolucionária.
 - De Identidade ou política identitária. Ao dar prioridade política e organizacional às diferenças existentes (raça, gênero, orientação sexual, migrantes), em vez da unidade, levam ao divisionismo e, assim, enfraquecem as lutas. Como o radfem, são setores de esquerda abertamente contra a esquerda revolucionária.
 - A concepção Mandelista. Propõe um movimento feminista “autônomo” (não está claro quem pertence a este movimento) e, de fato, considera a classe trabalhadora como outro movimento, com nível semelhante ao movimento feminista, LGBT, ambiental ou antirracista, diluindo sua tarefa dirigente estratégica.
9. Frente a essas posições equivocadas, defendemos um feminismo militante socialista

e revolucionário, em alguns casos por meio de grupos partidários específicos. Também evitamos o abstencionismo sectário diante dessas lutas: com uma média de mais de 40% de mulheres, além de gays e não-binários, com maior desemprego, precariedade e menor renda, as questões de gênero fazem parte do cotidiano da classe operária. Nesse sentido, e sabendo que costuma haver uma maior acolhida entre os setores jovens e setores médios, temos que levar nossa política e programa de gênero às mulheres trabalhadoras e a todo o mundo do trabalho.

Embora seu surgimento seja muito anterior na história, hoje não existe patriarcado independentemente do capitalismo. A opressão de gênero patriarcal é intrínseca à exploração da classe capitalista uma vez que o trabalho doméstico feminino não remunerado compensa para a burguesia para repor do trabalho presente e cuidar do futuro. O valor econômico deste trabalho está entre 15 e 25% do PIB, dependendo de cada país. É por isso que nossa luta política implica defender um programa de transição que, a partir das necessidades específicas de direitos de gênero em cada país, busque construir uma ponte entre essas demandas e a luta de classes e revolucionária contra o governo, o regime e o sistema capitalista, abrindo caminho para uma sociedade igualitária, sem exploração nem opressão: o socialismo, é para isso a necessidade de construir um partido revolucionário. A luta pela laicidade do Estado e contra toda opressão ou perseguição religiosa também faz parte do nosso programa político ligado às questões de gênero.

Da mesma forma, como parte de nossa propaganda política, é importante divulgar o exemplo da Revolução Russa e do primeiro governo bolchevique sob a direção de Lenin e Trotsky, com suas conquistas de gênero até então inéditas: igualdade salarial e direitos políticos para as mulheres, o direito ao aborto e ao divórcio, a igualdade de filhos e filhas conjugais e extraconjugais; abertura de creches, refeitórios e lavanderias populares para liberar o trabalho doméstico; descriminalização da homossexualidade, separação total entre a Igreja e o Estado, entre outros avanços. 🐿

Compartilhe nossos documentos:



Importante PARTICIPAÇÃO AFRICANA no 2º Congresso da LIS

A participação de camaradas da África, o debate sobre aquele continente e as perspectivas de intervenção e construção da LIS naquele continente foram uma parte importante do 2º Congresso da Liga Internacional Socialista.

A recente incorporação da Liga Socialista Revolucionária (RSL) do Quênia à LIS e o contínuo compromisso da LIS com a causa saharauí têm sido fundamentais para a estruturação incipiente da Internacional neste continente tão importante.

O peso que a África teria no evento foi evidente desde o início, com os camaradas Ezra do Quênia e Chaia do Saara Ocidental sentados na mesa de direção do Congresso. A presença e a participação de outros camaradas da RSL Quênia e da Pegada Africana na Tanzânia reforçaram este fato.

Já nos boletins de discussão, os camaradas da RSL contribuíram com importantes debates sobre o Panafricanismo Revolucionário e os debates do marxismo científico com o chamado “socialismo africano”. O primeiro explica a luta dos revolucionários contra o panafricanismo burguês e etnocêntrico por um movimento panafricano classista, socialista e revolucionário. O segundo aprofunda as discussões com vários líderes da luta pela independência da África e suas tentativas de desenvolver uma ideologia socialista adaptada à sua realidade.

Nesses textos, e ainda mais nos relatórios e na discussão da África, a importância desse continente gigante para a revolução mundial e a grande oportunidade para a construção de

organizações revolucionárias se tornaram claras. O surgimento de uma ampla vanguarda juvenil radicalizada em todo o continente desde as rebeliões da Primavera Árabe e o vácuo deixado pela desintegração do estalinismo abre grandes oportunidades para a LIS.



Os camaradas da RSL, da Pegada Africana e da juventude saharauí fazem parte dessa vanguarda, e os contatos que eles têm no resto do continente representam um grande desafio para fazer avançar a organização da vanguarda africana. Assim, a principal resolução proposta pelos camaradas e adotada pelo Congresso foi a realização do primeiro Congresso Panafricano da LIS com a participação de organizações e camaradas do Quênia, Tanzânia, Gana, África do Sul, Nigéria, Namíbia, Sudão, Burkina Faso, Senegal, Zimbábue, Ilhas Maurício e alguns outros países.

A resolução de intensificar a campanha da



Resolução sobre ÁFRICA

- 1. Primeiro Congresso Pan-Africano da Liga Internacional Socialista.** Tendo em vista a importante oportunidade de construir e ampliar a LIS no continente africano e os contatos concretos que a Liga Socialista Revolucionária (RSL) do Quênia possui com organizações de vários países, a RSL sediará o 1º Congresso Pan-Africano da LIS em julho de 2023.
- 2. Revolução Njaa.** Tendo em vista a campanha Njaa Revolution (Revolução da Fome) em andamento, promovida pelo RSL no Quênia, exige que o governo controle e reduza os preços dos alimentos e forneça ajuda alimentar aos milhões de quenianos que estão em situação de emergência alimentar aguda, com mobilizações regulares e distribua alimentos e outros bens de primeira necessidade às comunidades do norte do país, afetadas pela mais grave seca em quatro décadas. A LIS se apropriará e participará da Campanha da Revolução de Njaa para ajudar a combater a crise da fome no Quênia.
- 3. Congresso fundador do Partido dos Trabalhadores do Quênia.** A RSL está em processo de legalização partidária no Quênia e fundará o Partido dos Trabalhadores do Quênia nos próximos meses. Os camaradas da LIS são convidados ao Congresso de Fundação do Partido dos Trabalhadores do Quênia em setembro.
- 4. Propaganda sobre a África.** Tendo em vista a enriquecedora discussão sobre África neste 2º Congresso da LIS; da oportunidade que se abre para a LIS na África; da necessidade de os militantes de todas as seções da LIS ampliarem seus conhecimentos sobre a história, a atualidade e os debates da luta de classes e da esquerda na África, a RSL enviará materiais de leitura revolucionária para esse objetivo.
- 5. Campanha de solidariedade com o Saara Ocidental.** Tendo em vista a continuidade da heróica resistência do povo saharai contra a ocupação do Sahara Ocidental pelo reino marroquino; do reconhecimento do Estado de Israel pelo Marrocos e de Israel à usurpação do território saharai; do Estado espanhol endossar a ocupação; do andamento do trabalho político que a LIS tem na região; a campanha permanente de solidariedade com o povo saharai que a LIS mantém; A LIS resolve intensificar a referida campanha pela retirada do Reino do Marrocos do Saara Ocidental e lutar pela autodeterminação do povo saharai.
- 6. Opressão de gênero na África.** Tendo em conta as particularidades e a gravidade da opressão do gênero na África, onde se faz necessário combater a mutilação genital, o casamento de crianças, os feminicídios, às violações e outras formas de violência e discriminação contra as mulheres e pessoas LGBTI+, a LIS incorporará no seu programa e política para a região as particularidades para fortalecer a formação e intervenção das nossas seções. ✊

LIS em solidariedade com o Saara Ocidental, também adotada, não é alheia a esta orientação. A causa da libertação da última colônia africana é uma causa fundamental, de grande sensibilidade em todo o continente, e será central para a política e atividade da LIS na África. O mesmo se aplica à resolução sobre a opressão de gênero. Compartilhamos a resolução completa:

Compartilhe nossos documentos:



O novo governo israelense, um choque para toda a região. Mais do que nunca, **DEFENDAMOS A CAUSA DA PALESTINA**

1. Em uma expressão particular da polarização política global, em novembro passado o Likud venceu as eleições legislativas no Estado de Israel: um partido de extrema direita e antipalestino liderado por Benjamin Netanyahu. No parlamento (Knesset), o Likud aliou-se a cinco forças de ultradireita e ultrarreligiosas: Shas (sefarditas), Judaísmo Unido da Torá (ashkenazis), Sionismo religioso e poder judaico (racista e antimuçulmano) e Alegria (anti-LGBT). Com uma maioria de 64 deputados num total de 120, esta coligação ultra-sionista formou um governo e nomeou Netanyahu como primeiro-ministro, pela terceira vez no cargo.

Esta eleição foi a quinta em três anos, dada a alta instabilidade econômica e política de Israel. Enquanto o governo anterior de Yair Lapid aplicava planos de ajuste e agravava a crise, houve um voto de punição para a direita. Seu partido “Há Futuro”, de centro-direita secular, tem 24 cadeiras em 56 da oposição. Outros 18 são de duas forças semelhantes: Unidade Nacional e Israel Nossa Casa (de origem russa). E toda a “centro-esquerda” sionista perdeu votos e assentos: os trabalhistas caíram de 7 deputados para 4, as duas listas árabes de 12 para 10, e os social-democratas e islâmicos ficaram de fora do Parlamento por não ultrapassarem o piso de 3,25%.

2. Dentre as ações e projetos do governo Netanyahu, cujo discurso é o mais abertamente fascista desde a criação do Estado de Israel em 1948, podemos destacar:

- Desde que ele assumiu o cargo no final

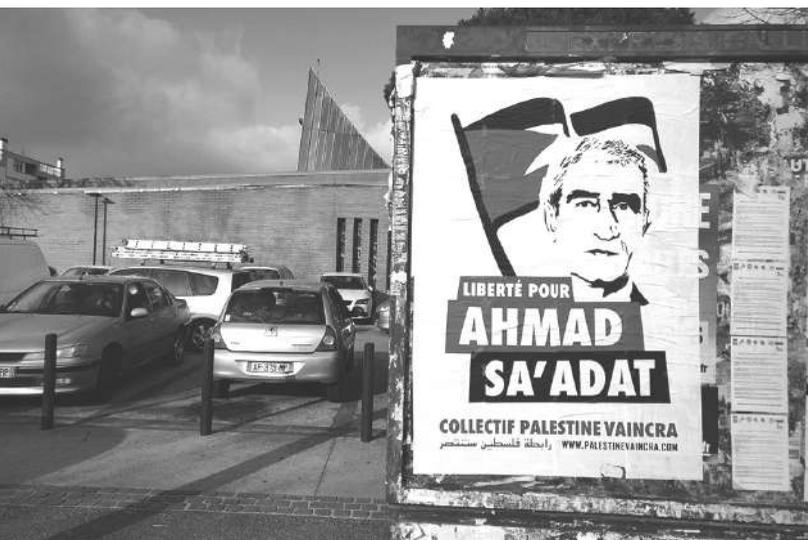
do ano até 5 de março, as forças sionistas mataram cerca de 60 palestinos, incluindo 15 menores, em bombardeios na Faixa de Gaza, operações armadas em outros campos de refugiados e despejos violentos na Cisjordânia para posterior anexação. Território Palestino.

- Subordinar a polícia ao ministro da Segurança Nacional, Itamar Ben-Gvir, condenado oito vezes por incitação ao racismo e ao terrorismo antipalestino, que também comanda a Guarda Nacional: uma força cívico-militar “antiterrorista”. Ben-Gvir propõe facilitar o disparo de armas de fogo pela polícia.
- Nove assentamentos judaicos na Cisjordânia, que haviam sido declarados ilegais pela Corte, foram legalizados, e espera-se que 10.000 novas casas para colonos sionistas sejam construídas. Banir formalmente os pa-



lestinos de viver em cidades ou bairros exclusivamente judeus. Negar licenças de construção a palestinos e sírios em Jerusalém, na Cisjordânia, no Negev e nas Colinas de Golã.

- Foi aprovado retirar a cidadania ou residência israelense àqueles que recebem algum subsídio do governo palestino.
- Submeter o Supremo Tribunal ao parlamento: por maioria simples, pode anular decisões ou validar leis que o Tribunal considere inconstitucionais. E o cargo de procurador-geral seria eliminado,



Netanyahu poderia nomear o procurador do estado e assim evitar processos por corrupção.

- Fechou a estação de notícias pública Kan.
- Proibiu bandeiras palestinas em universidades ou outras instituições financiadas ou subsidiadas pelo estado de Israel. Ainda sem ser proibido, a polícia os retira do espaço público.
- Proibiu qualquer lista ou candidatura eleitoral “que negue a existência de Israel como um estado judeu e democrático ou apoie o terrorismo” e permitiu listas e candidatos que postulem a supremacia judaica.
- Impôs a pena de morte aos “terroristas”

palestinos, definição que inclui aqueles que apedrejam soldados israelenses armados.

- Aumenta os subsídios estatais para escolas judaicas, subsidiar eventos segregados por sexo e recusar Israel a assinar a Convenção Internacional de Istambul contra a violência de gênero.
- Taxar doações estrangeiras para ONGs em solidariedade pacífica com a Palestina. Isso prejudicaria os grupos sionistas liberais, mistos ou anti-ocupação: Peace Now, New Israel Fund, Breaking the Silence, Standing Together, Olhando a ocupação nos olhos.
- 3. Essas medidas e planos em andamento do governo israelense aprofundam uma ofensiva reacionária que atingiu um marco em 2018, quando Netanyahu também era primeiro-ministro, quando o parlamento endureceu várias de suas chamadas leis básicas de ordem constitucional:
- Israel se define como o estado nacional do povo judeu.
- O hebraico é a única língua oficial, não mais o árabe, que também era oficial.
- Em território israelense, apenas os judeus têm direito à autodeterminação.
- Os assentamentos sionistas ilegais em áreas palestinas são de interesse nacional.
- A capital israelense é toda a área de Jerusalém, o que viola os acordos da ONU de que deve ser compartilhada com a Palestina.

Além disso, desde 2016, a Aliança Internacional de Memória do Holocausto Sionista (IHRA) promove uma definição complicada em todo o mundo que considera o *antisemitismo* como *antissionismo*. Dessa forma, busca silenciar todas as críticas ao Estado de Israel, como demonstrado, por exemplo, na Argentina pela denúncia judi-

cial apresentada pelo DAIA contra nosso camarada Alejandro Bodart por seus tweets em repúdio ao assassinato da jornalista palestina Shireen Abu Akleh meses atrás.

Toda essa ofensiva da ultradireita sionista é dirigida contra os árabes, palestinos e até judeus que se opõem ao sionismo, sejam eles laicos ou religiosos. Por exemplo, semanas atrás, rabinos do grupo ortodoxo Neturei Karta -que se opõe ao Estado de Israel-, após se reunirem com líderes palestinos em Jenin, foram detidos pela polícia israelense. A polícia israelense também reprimiu judeus pacifistas que iam em solidariedade a Huwara, cidade palestina atacada por colonos sionistas, e causou dezenas de prisões e feridos em uma violenta repressão à marcha da oposição em 1º de março em Tel Aviv.

Por todas essas razões, a “solução” de dois Estados contíguos, um israelense e outro palestino, coexistindo em paz, é uma completa falácia: a natureza do opressor é sempre subjugar o oprimido.

4. O Estado de Israel nasceu a sangue e fogo em 1948, com o apoio de todo o imperialismo e stalinismo mundial, expulsando mais de 700.000 palestinos nativos, assassinando cerca de 15.000, destruindo quase 500 aldeias, roubando suas terras ancestrais e cometendo um genocídio que continua até hoje, no melhor estilo nazista.

Desde então, usurpou cada vez mais território deles, confinando em Gaza e na Cisjordânia, áreas de extrema pobreza cujas fronteiras, estradas, água, eletricidade, suprimentos e espaço aéreo estão sob controle militar israelense. Israel violou os Acordos de Oslo e mais de 30 resoluções da ONU, cuja Comissão de Direitos Humanos reconhece explicitamente que o Estado de Israel comete *apartheid*, isto é, *limpeza étnica*. O mesmo é denunciado pelas duas principais organizações internacionais de direitos humanos: Anistia Internacional e Human Rights Watch.

De cerca de 200 países no mundo [1], Israel ocupa o 148º lugar em área, 97º em população e 30º em economia, mas em poder militar sobe para 18º e em armas nucleares para 6º. Com 180.000 soldados ativos e 560.000 reservistas convocados em 48 horas, suas forças armadas compreendem mais de 10% dos 7 milhões de habitantes judeus.

Um enclave pró-imperialista hiper militarizado, teocrático e racista, Israel é também o único estado do planeta onde a tortura é legalizada, sob o eufemismo de “pressão física moderada”. Também usa a chamada *detenção administrativa*, renovável, para reter quase 700 palestinos por três a seis meses sem acusações legais. No total, Israel detém atualmente mais de 4.500 prisioneiros políticos palestinos, geralmente sob julgamento por tribunais militares, incluindo menores. Com tal monstruosidade totalitária não há coexistência possível, nem paz real.

5. As medidas e os planos do governo de ex-



trema-direita estão a chocar todo o Oriente Médio, o que por sua vez tem repercussões globais. O próprio governo Biden, a União Europeia, os países latino-americanos e a Liga Árabe tiveram que emitir declarações críticas, impedindo o início de uma terceira Intifada palestina. Como primeiros sintomas, já houve algumas ações isoladas em resposta aos ataques sionistas. Em particular, uma possível terceira Intifada revela os países árabes, cujas monarquias e democracias burguesas em geral, com exceções como a Argélia ou o Líbano, reconhecem Israel e mantêm relações diplomáticas ou comerciais.

Desde que a liderança da OLP-AI Fatah traiu a causa histórica palestina e reconheceu o Estado de Israel em 1993, seu desgaste popular não parou. Ele ainda governa a Cisjordânia, onde colabora com a polícia israelense, mas há anos se recusa a convocar eleições por temer sua derrota nas mãos do islamita Hamas, como acon-

teceu em 2006 em Gaza, ou da laica Frente Popular para a Libertação da Palestina, ambos mais radicais. Surgiram novos grupos combativos, como a Cova do Leão, o Batalhão da Balata ou a Cueva Negra. A juventude palestina hoje não tem uma direção política hegemônica, descrente completamente “dos dois Estados” e seu desejo legítimo é a libertação da ocupação israelense.

Quanto à população israelense, já são seis semanas consecutivas de massivas mobilizações contra o novo governo e seus planos. As cinco primeiras tiveram seu eixo em Tel Aviv, com até 110 mil



pessoas em uma cidade que não chega a meio milhão. Havia bandeiras palestinas e palestino-israelenses anti-guerra, flâmulas LGBT e faixas comparando o ministro da Justiça Levin aos nazistas. A sexta marcha foi em 11 de fevereiro em Jerusalém, com mais de 70.000 pessoas. Então, no dia 13, houve uma greve geral antes do início do debate parlamentar sobre a reforma judicial. A ex-ministra Tzipi Livni, sionista e ex-aliada de Netanyahu, assim a descreveu: “*Essa loucura tem nome: fascismo*” [2]. De sua parte, o filho de Netanyahu acusou manifestantes judeus em Tel Aviv de “*terroristas que devem ser presos, gêmeos de seus irmãos bárbaros palestinos*”. A tensão social e política ameaça aprofundar-se, no quadro de uma região de instabilidade permanente e com uma rebelião popular em desenvolvimento no Irão.

• A única saída estratégica para alcançar

uma paz genuína e definitiva em toda esta conturbada região é dissolver o genocida e racista Estado de Israel, estabelecendo em seu lugar uma Palestina laica e democrática em todo o território histórico, do rio Jordão ao Mediterrâneo Mar e com capital em Jerusalém, para onde podem retornar os mais de cinco milhões de refugiados palestinos [3], especialmente na Jordânia, Síria e Líbano, e viver em paz com a população judaica e de outras religiões. Isso só será possível se a revolução socialista avançar por toda a região. Entendemos essa futura Palestina socialista como parte integrante de uma federação de repúblicas socialistas no Oriente Médio.

O caminho para alcançar este resultado é a luta conjunta da heroica resistência palestina e dos povos árabes da região, acima de seus cúmplices governos israelenses, mais o apoio dos judeus democráticos anti-sionistas que estão entre os que estão se mobilizando em Israel hoje, contra o governo de Netanyahu e a extrema direita e, no processo, construir um forte partido revolucionário.

Nesta perspectiva, com base na política proposta, desde a Liga Internacional Socialista (LIS) e suas seções nacionais construirão uma campanha permanente de solidariedade à causa palestina e apoiamos campanhas democráticas internacionais como o BDS contra Israel (boicote, desinvestimento e sanções); pela liberdade de Georges Abdallah, Ahmad Sa'adat e outros presos políticos palestinos, contra o processo sionista contra Alejandro Bodart e iniciativas semelhantes. ✊

[1] <https://datosmacro.expansion.com/paises/israel>

[2] <https://www.timesofisrael.com/masses-rally-across-country-against-judicial-overhaul-organizers-claim-over-200000/>

[3] <https://www.unrwa.org/Agência da ONU de Socorro e Obras para Refugiados Palestinos no Oriente Próximo>

Compartilhe nossos documentos:



Resolução sobre a NICARÁGUA

Considerando

Que na Nicarágua se mantém um regime de ditadura contra o conjunto dos trabalhadores, camponeses e jovens, com a supressão dos direitos democráticos mais elementares;

- Que Ortega-Murillo, há algumas semanas, libertou mais de 200 presos políticos, entre eles ex-líderes sandinistas da revolução de 1979, além de representantes dos setores da oposição burguesa ligados à Casa Branca;
- Que evidentemente esta decisão política, pactuada com o imperialismo estadunidense, foi tomada de forma criteriosamente pensada em um momento sem protestos, há meses da ação coordenada pela LIS, como a Comissão Internacional e a Caravana de Liberdade que chegou à fronteira, para logicamente evitar o fortalecimento de um polo de resistência no exílio da esquerda internacionalista, cerceada pelo Departamento de Estado;
- Que embora a notícia tenha sido recebida com alegria pelas organizações exiladas com as quais mantemos relação da LIS, o fato, com todos os aspectos positivos ao implicar na preservação da vida de dezenas de combatentes, também tenta fortalecer a papel do imperialismo na região, aparecendo como democrata na libertação, reforçando a oposição burguesa;
- Que, além disso, Ortega-Murillo tomou medidas retaliatórias contra os presos políticos libertados e figuras do exílio, como a retirada de sua nacionalidade, o confisco de seus bens e contribuições previdenciárias, como forma de dar uma demonstração de força e encobrir a fraqueza expressa pelo fato de ter que “soltar” presos políticos;
- Que apesar de tudo, ainda restam cerca de trinta reféns e que a campanha pela sua libertação incondicional deve continuar, assim como a luta ideológica à esquerda por uma posição antiditatorial, de forma independente da intervenção imperialista, bem como crítica e delimitada ao campismo que defende ou acoberta o regime criminoso da Nicarágua por meio da paralisia e do silêncio;
- Que a campanha que realizamos à frente da Comissão Internacional da LIS, juntamente com os camaradas do PRT da Costa Rica, do nosso grupo nicaraguense e as principais organizações de exilados na Costa Rica, teve sucesso com impacto regional na América Central, abrindo oportunidades de relacionamento e construção;
- Que em algumas semanas completará 5 anos desde a Rebelião de Abril de 2018;



Este 2º Congresso da LIS resolve:

- Reforçar nossa estratégia para a Nicarágua que conecta as tarefas democráticas contra a ditadura, mas que não para por aí: o objetivo é acabar com toda a burguesia sandinista e de oposição com um governo dos trabalhadores e do campesinato pobre baseado em sua própria democracia de organização, reorganizar toda a economia a serviço dessas classes, sem ficar no marco das fronteiras nacionais, apostando em uma perspectiva internacionalista imediata de desenvolvimento da revolução socialista regional em toda a América Central.
- Promover ações para o 5º aniversário de abril de 2018, exigindo a libertação de todos os presos políticos detidos por Ortega-Murillo; repudiando as represálias da ditadura aos libertos e exilados e ratificando o chamado à construção de um Movimento Internacional unido em ação pela queda do regime, embora com duas premissas políticas claras: com diferenciação completa da Casa Branca e do campismo cúmplice.
- Atualizar a apresentação do Relatório Final que preparamos na LIS sobre os trabalhos da Comissão Internacional tendo em conta a nova situação, publicando no site da LIS e preparando uma edição impressa.
- Avançar no planejamento da obra de construção orgânica rumo à Nicarágua, desde a Costa Rica em equipe com os camaradas do PRT, de nosso jovem grupo militante Alternativa Anticapitalista. Tudo como parte de uma estratégia regional de construção da LIS na América Central e países vizinhos. 🌍

Resolução sobre a VENEZUELA

1) Realizar um fórum de discussão para trocar opiniões sobre os regimes venezuelano, cubano e nicaraguense, o que nos permitirá analisar em profundidade e armar-nos politicamente como um todo para intervir nesses países e disputar com o campismo em todos os lugares. Colocando os seguintes aspectos no centro do debate:

- Condenar e exigir o levantamento do bloqueio e das sanções econômicas contra a Venezuela impostas unilateralmente pelo governo norte-americano e seus aliados imperialistas e pró-imperialistas, por ir fundamentalmente contra o povo venezuelano e atropelar a soberania do país.
- Rejeitamos a política do governo de criminalizar as lutas da classe trabalhadora, a detenção e encarceramento de trabalhadores e ativistas populares.
- Nos opomos à usurpação da legalidade de várias organizações políticas de esquerda.
- Denunciamos as violações da liberdade de informação e expressão e, em particular, expressamos nossa solidariedade com o site aporrea.org de comunicação popular e alternativa, que tem sido bloqueado e atacado.
- Denunciamos o avanço da aliança político-religiosa em detrimento dos direitos das mulheres trabalhadoras e das mulheres em geral, bem como a diversidade da orientação sexual. 🌍

Compartilhe nossos documentos:



Leia o documento sobre América Latina aprovado no Congresso da LIS.



Nosso Congresso mostrou um importante avanço da LIS através da incorporação de novas seções nacionais e do aprofundamento das relações com importantes grupos e partidos revolucionários em vários países. Aqui socializamos duas experiências, no Brasil e na Colômbia, onde a unificação entre as diferentes correntes nos permitiu dar um salto muito importante.

UNIFICAÇÃO pela construção do partido revolucionário

POR REVOLUÇÃO SOCIALISTA, LIS NO BRASIL.

A LIS concretizou um importante passo no Brasil. Nos dias 10, 11 e 12 de fevereiro deste ano, em São Paulo, ocorreu a Conferência de Unificação dos agrupamentos Alternativa Socialista e Luta Socialista e o surgimento da Revolução Socialista. É comum escutar ou saber de organizações que se dividem, racham e entram em crise. Neste caso, a unificação mostra um caminho diferente.

UNIFICAR PARA QUÊ?

Nós, revolucionárias e revolucionários, temos um objetivo estratégico que guia nossa atividade e ação militante: construir um partido da classe trabalhadora, forte e influente, forjado pelo método do centralismo democrático e que se postule a dirigir as mobilizações das massas trabalhadoras para fazer a revolução, destruir o Estado capitalista e construir o socialismo no país e no mundo.

No Brasil, da mesma forma que no mundo, as organizações tem flutuado entre dois polos, o secretário e o oportunista. Como consequência, surgem uma grande variedade de correntes, algumas maiores que outras, mas o resultado quase sempre sendo a dispersão, a ausência de influência nas massas e, como consequência, longe do objetivo estratégico de construir um forte partido revolucionário. Nossa unificação, com o surgimento da Revolução Socialista, é uma tentativa inicial de resolver os problemas que existem em uma ferramenta com debate fraterno, elaborações políticas e balanços que nos permitam crescer e avançar no objetivo.

O GOVERNO DE FRENTE AMPLA LULA-ALCKMIN ABRE ESPAÇO PARA ORGANIZAR À ESQUERDA

Nossa caracterização é que o novo governo, de unidade nacional e frente populista, tem uma pequena margem de manobra para desenvolver planos ou políticas abrangentes que resolvam os problemas que atingem o povo trabalhador e pobre em nosso país. Mas, de fundo, é um governo que responde aos interesses do empresariado, do agronegócio e dos bancos. Um governo que unificou a esquerda da ordem, a direita tradicional e setores recentemente bolsonaristas para salvar a institucionalidade burguesa e seu regime ameaçado pela crise. Mas esse regime, essa farsa de democracia, há anos não resolve as penúrias que o povo sofre, ao contrário, usa suas instituições contra este povo trabalhador e pobre.

Nós defendemos as conquistas democráticas e somos conscientes do perigo que significaria um segundo governo da extrema direita, por isso chamamos o voto em Lula-Alckmin no segundo turno eleitoral de 2022. Mas não nos confundimos nem temos expectativas nesse governo e afirmamos



com toda firmeza que este não é nosso governo. Nossa tarefa continua sendo a construção de uma alternativa política da classe trabalhadora, com um programa socialista e que lute por um governo das e dos que nunca governaram, um governo das e dos explorados e oprimidos.

AONDE VAI O PSOL?

Nesse mesmo contexto, o PSOL, partido que construímos como tendência interna, está sendo levado ao caminho da adaptação ao regime e se distanciando das lutas organizadas pela classe trabalhadora. Essa é a política de sua direção majoritária e que é acompanhada, e validada, por correntes classistas que se referenciam na internacional mandelista. Infelizmente, somado pela política sectária de correntes da esquerda revolucionária e o centrismo de outras correntes, existe uma margem limitada para derrotar a política liquidacionista da direção majoritária.

Nos próximos meses, a Revolução Socialista terá o grande desafio de acompanhar o desenvolvimento desse processo, avaliando as mudanças que estão acontecendo no PSOL. Desta forma, ajustaremos nossa política e orientação para melhor localização com a estratégia fundamental de construir o partido revolucionário. Tarefa que faremos com a nossa internacional, a LIS, que expressa uma positiva dinâmica do internacionalismo militante e revolucionário nos cinco continentes, crescendo e se fortalecendo. Nós, a seção da LIS no Brasil, faremos todos os esforços nessa construção. ✊

Colômbia: Impulso Socialista e Grupo de Trabalhadores Socialistas RUMO A UNIFICAÇÃO

JUVENTUDE E TRADIÇÃO

Durante o último ano e meio, a Impulso Socialista (IS, seção da LIS na Colômbia) e o Grupo de Trabalhadores Socialistas (GTS) atuam juntos nos eventos políticos nacionais, organizando as tarefas e campanhas internacionais da Liga Internacional Socialista. O GTS participou como convidado do 1º Congresso Mundial da LIS em dezembro de 2021 e com delegação plena no 2º Congresso em março de 2023. As organizações realizarão em breve seu Congresso de unificação.

Esta convergência de revolucionários conta com a energia da juventude da Impulso Socialista, onde os militantes se uniram durante a poderosa greve universitária de 2018 contra o desmantelamento do ensino superior público. Rapidamente se conectaram com a LIS e participaram de sua conferência de fundação em 2019.

O Grupo de Trabalhadores Socialistas vem de uma importante tradição. Alguns de seus membros fizeram parte da corrente internacional dirigida pelo revolucionário argentino Nahuel Moreno, exilado durante os anos 1970 na Colômbia. O GTS reivindica este legado teórico, programático, político e metodológico acumulado ao longo de quase meio século de luta pela construção de um partido leninista nacional e internacional.

A nova organização unificada não se apresenta como “o partido da revolução socialista colombiana”. Na Colômbia há centenas de milhares de trabalhadores, mulheres e jovens que estão prontos para lutar por uma transformação revolucionária da sociedade capitalista e construir uma alternativa revolucionária que reúna diversas experiências e tradições.

A ação conjunta da IS e do GTS, a elaboração conjunta do programa e dos estatutos, assim como a análise coletiva da situação nacional, permitiu a posição e a intervenção comum nos principais acontecimentos da luta de classes. Será mais um passo para o fortalecimento da Liga Internacional Socialista. ✊



Adquira com a militância da Revolução Socialista, seção da LIS no Brasil, o Jornal Luta Socialista.

LUTA SOCIALISTA
Por um governo dos trabalhadores, do povo pobre e da periferia.
EDIÇÃO DE Nº 44 03 DE ABRIL DE 2023 CONTRIBUIÇÃO: R\$ 3,00 SOLIDÁRIO: R\$ 5,00

EDITORIAL
Não temos ilusão do governo da Frente Ampla
PÁGINA 2

Nasce a
REVOLUÇÃO SOCIALISTA
Unidade para transformar tudo!



Um vitorioso II Congresso da LIS
DIA 26 DE ABRIL:
GREVE NACIONAL DA
O PELA
ÃO IMEDIATA DO
INO MÉDIO!
Páginas 7

FRANÇA
Aumenta a luta contra a Reforma da Previdência
Páginas 8

metroviários e metroviárias de São Paulo
Páginas 6

08 LUTA DE CLASSES
ABRIL 2023

FRANÇA Aumenta a luta contra a Reforma da Previdência



Síntese de matéria publicada por LIS/França que atua na ala esquerda do Novo NPA (Novo Partido Anticapitalista)
Tradução: Manuel Traota

... e docentes. Um milhão de pessoas mobilizadas segundo as autoridades e 3,5 milhões segundo os organizadores. Até o rei da Inglaterra cancelou sua visita à França...

E não é só por causa da aposentadoria, a inflação não para de subir, baixos salários, sucateamento nos serviços públicos e condições de trabalho precárias. Uma rejeição geral ao governo Macron e seu plano de ajuste. Nas marchas começa a se ouvir "Fora Macron!".

Pela greve geral por tempo indeterminado!

No dia 28, nova greve geral foi convocada graças à poderosa pressão da classe trabalhadora e do movimento estudantil sobre as burocracias das oito centrais sindicais. Dois milhões de manifestantes, 10 mil toneladas de lixo acumuladas nas ruas de Paris, postos sem gasolina. Mas a Intersindical (Centrais Sindicais) se recusa a convocar uma greve geral por tempo indeterminado, ignorando o pedido de sindicatos e de todo o ativismo sindical, como única forma de derrotar a reforma e o governo.

A esquerda do NPA declara: "não faltam propostas para trazer novos setores para o movimento, unificar as lutas e sobretudo decidir juntos a continuidade do movimento contra Macron e sua polícia. Mesmo que isto seja contra a vontade da Intersindical".

... diferente do Brasil, levando em conta o custo de vida europeu. A expectativa de vida na França é de 83 anos, mas um de cada quatro trabalhadores precarizados morrem antes dos 62 anos, o que seria trabalhar até morrer ou morrer trabalhando. Por isso que existe uma rejeição de 75% da população e de 90% dos assalariados.

Macron joga gasolina no fogo

Há dois meses, o governo contava com os votos nas duas Câmaras, mas com as greves, a situação mudou. No dia 16/03, o Macron usou uma manobra conhecida como "Artigo Constitucional 49.3", para evitar o debate na Assembleia Nacional Francesa (Deputados). Essa reforma que já era ilegítima para o povo, agora também carrega da "legitimidade" parlamentar. A Moção de Censura contra a "canetada", apresentada pela oposição, dificilmente será aprovada, nem um hipotético plebiscito promovido pela direita, Le Pen/RN e a centro-esquerda, Mélenchon/FL, que buscam desviar a luta pela via eleitoral.

"Hoje na rua, e amanhã seguimos"

Mas, nas ruas, logo após o anúncio do decreto, espontaneamente, milhares de jovens, Coletes Amarelos e grupos radicais manifestaram seu repúdio em Paris e em inúmeras cidades do interior. Houve barricadas e queima de contêineres, vitrines quebradas e confrontos violentos com a polícia, feridos e detenções.

No dia 22, Macron reafirmou sua reforma na TV e no dia 23, o 9º dia nacional de luta foi convocado pela Intersindical. A greve foi maior entre ferroviários, transportes, coletores de resíduos, petroleiros, estivadores, eletricitários

Acompanhe nosso site:
www.revolucaosocialista.com
e nossas redes sociais

Instagram: [revolucaosocialistapsol](https://www.instagram.com/revolucaosocialistapsol)
Facebook: [revolucaosocialistapsol](https://www.facebook.com/revolucaosocialistapsol)
Twitter: [@revolucaospsol](https://twitter.com/revolucaospsol)



Acesse todos os
documentos e resoluções
aprovadas no
2º Congresso Mundial
da LIS.